

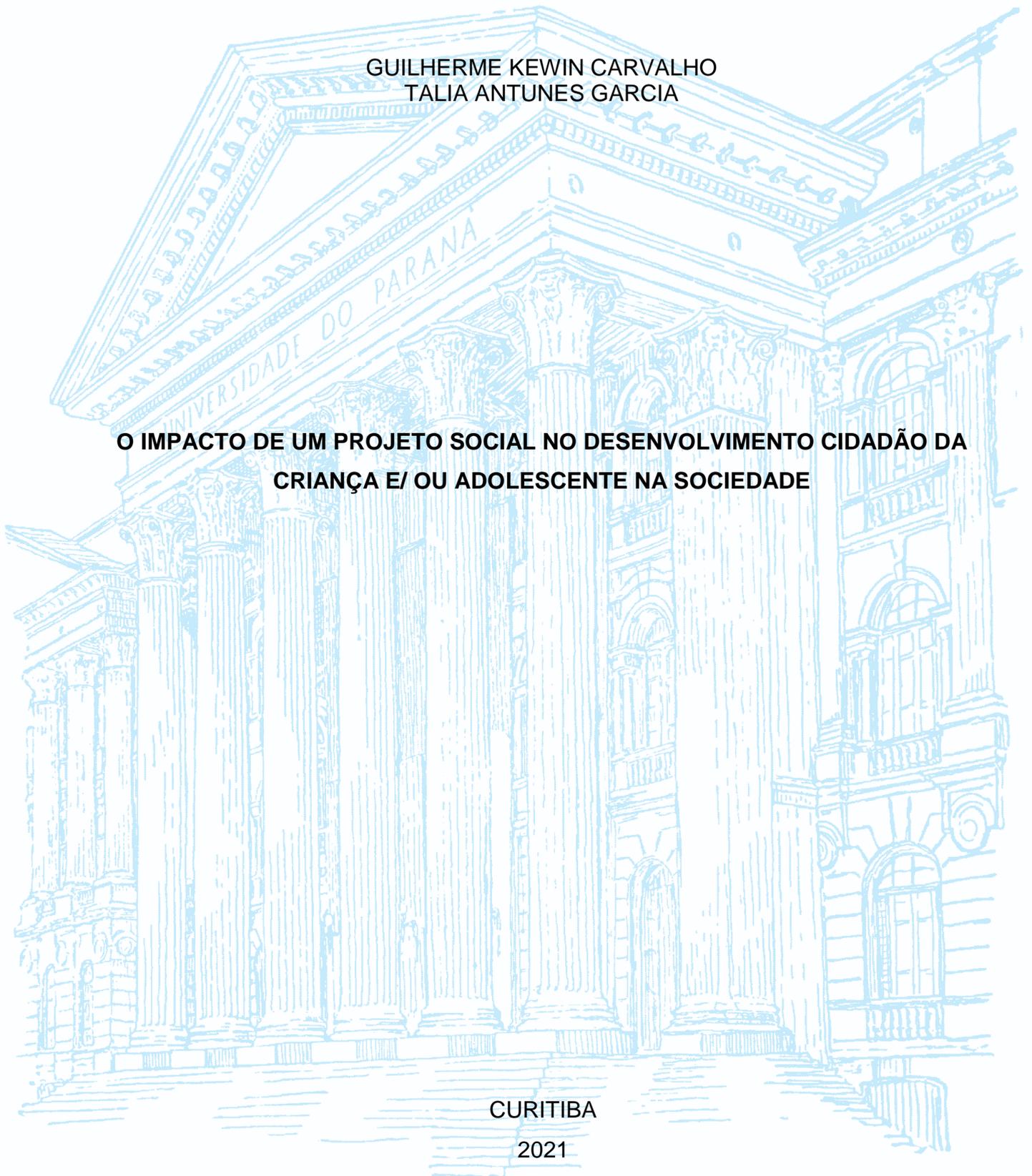
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME KEWIN CARVALHO
TALIA ANTUNES GARCIA

**O IMPACTO DE UM PROJETO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO CIDADÃO DA
CRIANÇA E/ OU ADOLESCENTE NA SOCIEDADE**

CURITIBA

2021



GUILHERME KEWIN CARVALHO
TALIA ANTUNES GARCIA

O IMPACTO DE UM PROJETO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO CIDADÃO DA
CRIANÇA E/ OU ADOLESCENTE NA SOCIEDADE

Projeto de pesquisa apresentado como exigência para a Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréa Cordeiro

CURITIBA
2021

“O amor exige presença.”

(Frei Rui Guido Depiné)

AGRADECIMENTOS

Bom, um ciclo se fecha para abertura de outros no futuro, primeiramente gostaríamos de agradecer a todos aqueles que balburdiaram intensamente por políticas públicas de qualidade e pela garantia de direitos de acesso do povo pobre e negro às universidades, ou seja, que lutaram e lutam por isto, pois reconhecemos que a nossa entrada para a universidade não seria possível sem estas lutas.

Agradecemos posteriormente à Universidade Federal do Paraná – UFPR que nos proporcionou espaço de aprendizagem e de desenvolvimento profissional e pessoal. Além do aprendizado, levamos lindas histórias e encontros, que nos fizeram crescer. Em paralelo a tudo isso, proporcionou também a nós, e conseqüentemente aos nossos familiares, o sentimento de orgulho de dois jovens negros e pobres terem superado as estatísticas brasileiras para indivíduos com o nosso perfil, e hoje estamos prestes a nos formar, e nos orgulhamos de dizer também que todos os nossos conhecimentos são 100% fruto da educação pública, e temos o compromisso de lutar por ela e dar o nosso melhor para garantir a continuidade da mesma.

Levamos para nossa vida uma formação apaixonante do querer aprender e ensinar, fazer a diferença que o mundo e a sociedade pedem. Muito obrigada e obrigado aos professores e professoras, que além de ensinar, nos deram a oportunidade de ver suas lutas e participar de algumas delas.

Obrigado e obrigada aos nossos amigos e amigas que fizemos durante nossa graduação, agradecemos imensamente o compartilhamento, força, ideias, trabalhos em grupos, cuidado, abraço e presença. À nossa Orientadora Prof. Dra. Andréa Cordeiro, nossos agradecimentos cheio de abraços carinhosos pela caminhada e direcionamento de rumo do nosso estudo/pesquisa.

A Deus e nossa família e amigos da vida toda “ João André Garcia, Telmira Garcia, Valéria Stori, Danielle Aliga, Alfranio Gonzaga Ferreira da Rosa, Jaqueline Conchisnki, Zeliane Garcia, Zenilda Garcia, Cynthia Ajudarte, Tânia Ferreira, Scheila Moreira, Zeneide Garcia, Ademar José Garcia, Delma Antunes, Jefferson Engroff, Rosana, João André Garcia Junior, Emilly Machado, Michel Hamachuck, Vânia Martins Ferreira da Silva, Bianca Reginatto, Rosane Paula de Souza e Claudinéia Liner Carvalho, Caroline Evelin Carvalho, Daniele Aguirre, Ana Lucia do Nascimento, Dieison Rafael Lang, Anna Thaís, Frei Rui e Associação Beneficente São Roque”,

agradecemos por acreditarem apoiarem e nos inspirarem durante esses cinco anos de estudo.

Entramos futuros pedagogo e pedagoga e saímos mais que isto, estamos repletos de esperança e com vontade de colocar em prática tudo que aprendemos. Fica aqui o nosso amor pela educação e agradecimentos por toda luta aprendizagem, compartilhamento, confiança que tivemos do lado de todos que estiveram conosco.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo trazer uma pesquisa sobre o Terceiro Setor e como a pedagogia pode estar dentro da área social. Também mostrar a prática do trabalho social realizado por uma deste segmento. O propósito do estudo é discutir sobre como o profissional formado em pedagogia agrega na área social, desvinculando a ideia de somente acontecer pedagogia dentro da escola abrindo o olhar para outra área de atuação na qual a pedagogia também tem espaço de trabalho. Também trazemos uma reflexão sobre como o trabalho social e a educação não formal podem agregar ao desenvolvimento cidadão de seus participantes.

Palavras-chave: Terceiro Setor. Educação não formal. Pedagogo (a) Social. Projeto Social. Cultura.

ABSTRACT

This work aims to bring a research on the Third Sector and how pedagogy can be within the social area. It also shows the practice of social work carried out by an intuition of the Third Sector. The purpose of the study is to discuss how the professional trained in pedagogy aggregates in the social area, dissociating the idea that pedagogy only happens within the school by opening the eyes to another area in which pedagogy also has work space. We also bring reflection on how social work and non-formal education can add to the citizen development of its participants.

Keywords: Third Sector. Non Formal Education. Social (a) Pedagogue. Social Project. Culture.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – IMAGEM QUADRO DA ORGANIZAÇÃO CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO	23
FIGURA 2 – RUA DO BAIRRO GUARITUBA ANO 2018	32
FIGURA 3 – RUA DAS HORTÊNCIAS DEPOIS DA CHUVA NO BAIRRO GUARITUBA 2019	32
FIGURA 4 – RUA DAS HORTÊNCIAS DO BAIRRO GUARITUBA 2020	33
FIGURA 5 – FREI RUI GUIDO DEPINÉ	35
FIGURA 6 – LOGO DO PROGRAMA ALCANCE	37
FIGURA 7 – DIA DE ENTREGA DE CESTAS PARA FAMÍLIAS DO PROGRAMA ALCANCE	38
FIGURA 8 – LOGO DO CONTASONHOS	39
FIGURA 9 – GRUPO DO CONTASONHOS EM AÇÃO NA ESCOLA	40
FIGURA 10 – LOGO DO ADORA SER	40
FIGURA 11 – GRUPO DO ADORA SER VISITANDO O MUSEU EGÍPCIO	41
FIGURA 12 – LOGO DO CORO E ORQUESTRA GATO NA TUBA	41
FIGURA 13 – APRESENTAÇÃO DO CORO GATO NA TUBA	42
FIGURA 14 – APRESENTAÇÃO DA ORQUESTRA GATO NA TUBA	42
FIGURA 15 – APRESENTAÇÃO DA GATINHO TURMA DE INICIAÇÃO MUSICAL	43

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – DIRETORIA EXECUTIVA, CONSELHO ADMINISTRATIVO E CONSELHO FISCAL	43
QUADRO 2 – EQUIPE DA SEDE	44
QUADRO 2 – EQUIPE DA FILIAL	45

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ONGS	- Organizações não Governamentais
OSCIP	- Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OS	- Organização Social
OSC	- Organização da Sociedade Civil
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVO	14
1.2	OBJETIVOS GERAL	14
1.3	METODOLOGIA	14
2	O TERCEIRO SETOR	15
2.1	O QUE É PROJETO SOCIAL	19
2.2	COMO PROJETOS SOCIAIS ENTRAM NO TERCEIRO SETOR	20
2.3	CAPTAÇÃO DE RECURSOS	25
2.4	COMO O (A) PEDAGOGO (A) SE INSERE NO TERCEIRO SETOR	26
2.5	MAPEAMENTO DOS PROJETOS SOCIAIS EXISTENTES NA CIDADE DE PIRAQUARA/PR	30
2.6	RELAÇÃO ENTRE OS PROJETOS E A REDE DE PROTEÇÃO	30
	POR QUE TER UM PROJETO SOCIAL NA COMUNIDADE DO GUARITUBA	31
3	HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SÃO ROQUE	34
3.1	FREI RUI GUIDO DEPINÉ	35
3.2	ASSOCIAÇÃO E SEU ESPAÇO	36
3.3	PROGRAMAS CULTURAIS E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	37
3.4	QUADRO DE PROFISSIONAIS	42
3.5	CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO	45
4	A VISÃO DOS PARTICIPANTES ALUNOS, FAMÍLIA E PROFISSIONAIS	46
4.1	METODOLOGIA DAS ENTREVISTAS	47
4.2	A VISÃO DO SUJEITO, PROFISSIONAIS	48
4.3	A VISÃO DOS SUJEITOS, PAIS E RESPONSÁVEIS	54
4.4	A VISÃO DOS VERDADEIROS PROTAGONISTAS DOS PROJETOS: CRIANÇAS. ADOLESCENTES E JOVENS	57
	CONSIDERAÇÕES	63
	REFERÊNCIAS	66
	ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe trazer visibilidade para a pedagogia em ambiente não escolar dentro de uma instituição do terceiro setor: a Associação São Roque¹, situada na cidade de Piraquara/PR², no bairro do Guarituba, onde atua com uma equipe multidisciplinar de profissionais com um trabalho direcionado para crianças, adolescentes e jovens com idade entre 07 a 18 anos.

Compreender o seu papel na sociedade é uma busca feita por muitos, e não seria diferente para quem se forma em pedagogia. Qual é o papel do pedagogo e da pedagoga na sociedade? Seria trabalhar exclusivamente em escolas com educação formal? Pois bem, aqui nos deparamos com uma questão pouco debatida, discutida e esclarecida: o trabalho do pedagogo pode sim, e deve abranger outros espaços e sair da sala de aula e dos muros das escolas.

Quem tem formação em pedagogia não tem uma formação exclusivamente voltada à docência, este profissional de pedagogia pode ser pesquisador, professor, organizador e gestor de demandas exigidas entre espaço, professor/profissional, aluno e sociedade. O pedagogo e a pedagoga são profissionais que estudam o desenvolvimento humano e a educação em diferentes situações e etapas da vida. Compreendendo isso, é possível ver o pedagogo (a) em outros espaços para além da escola formal. Quais outros espaços são esses onde um pedagogo pode atuar?

Hoje já podemos ver pedagogos atuando na área hospitalar, empresarial, tecnológica, em editoras, em pesquisas e na área social, entre outros.

Com isso em nosso horizonte, procuramos com a presente pesquisa investigar uma área na qual um pedagogo pode se encaixar muito bem e pôr em prática o que estudou durante sua formação: a área do Terceiro Setor, instâncias em que o pedagogo e a pedagoga podem atuar amplamente. Assim, buscamos uma instituição do Terceiro Setor que atuasse com educação não formal, com intuito de ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

¹ O município tem 130 anos, foi fundado em 1890 é conhecido pelos seus mananciais e é responsável por 50% do abastecimento de água de Curitiba e região metropolitana. Piraquara é um município brasileiro da região metropolitana de Curitiba localizado no estado do Paraná

² Bairro localizado na cidade de Piraquara.

No primeiro capítulo desta pesquisa, o qual está intitulado “O Terceiro Setor”, iremos abordar o referido Setor em suas inúmeras faces, no conceito geral do tema, sua relação com a educação, e sempre buscando os paralelos com os trabalhos que são desenvolvidos na instituição São Roque, a qual se tornou nosso estudo de caso para o presente trabalho.

Já no segundo capítulo, contaremos a história da Associação, o trabalho que a mesma desenvolve e suas responsabilidades sociais dentro da comunidade onde está localizada. Com nossos leitores situados com relação ao trabalho da Associação São Roque, no terceiro capítulo iremos conhecer e entender a Instituição na visão de seus sujeitos, abordando a perspectiva de quem lá trabalha, ou seja, dos profissionais, das famílias e dos Protagonistas da mesma: as crianças e adolescentes que participam da Associação.

No terceiro capítulo também levantamos o questionamento de **como a instituição possibilita o desenvolvimento do capital cultural de seus protagonistas**. Além da missão de garantir prestação assistencial à comunidade, que é historicamente vulnerável economicamente, busca também desenvolver em seus participantes o acesso à arte e cultura, um dos motivos que nos levou a tê-la como objeto de estudo.

Informamos que não existe um profissional graduado em pedagogia contratado na instituição para atuar como pedagogo, no entanto, a mesma conta hoje com um estagiário que é estudante do curso de pedagogia na Universidade Federal do Paraná, além de ter um profissional que atualmente faz muitas atividades pedagógicas, que por “regras de ofícios”, um pedagogo poderia estar desenvolvendo por conta de todo seu preparo acadêmico voltado para o desenvolver dos aspectos pedagógicos. O real intuito do desenvolvimento deste trabalho é mostrar que a pedagogia também tem valor dentro do setor social e refletir sobre o impacto que o trabalho educacional da instituição faz na vida de seus protagonistas.

Há uma luta constante no país por melhores condições de vida da população, por garantias de igualdades e principalmente de direitos, podemos citar que este “sonho” de uma país mais justo, infelizmente não pertence à todos, mas sim, principalmente às classes populares, no entanto as elites costumam chamar estas

lutas de “vitimismo” e na maioria das vezes dificultam a realização deste sonho da população mais pobre, o Estado e o mercado no Brasil não dão conta da demanda pela garantia destes para toda sua população, e na maioria das vezes o “dar conta destas garantias e direitos” limita-se a uma população centralizada e está relacionada a um público específico, e conseqüentemente se exclui uma grande parcela da população que não é abrangida pelas garantias prestadas pelo Primeiro e Segundo Setor.

Neste contexto entra o trabalho do Terceiro Setor. Segundo Falconer (1999) o Terceiro setor se desenvolve no Brasil com o objetivo de abraçar esta parcela da população que fica à margem das garantias prestadas pelos demais setores, com o intuito de garantir maior igualdade para a população; o que difere a ação do Terceiro Setor em nosso país, com relação aos demais, no ponto de vista do autor seria que ele ainda, “busca seu lugar ao sol” (FALCONER p.4. 1999) no Brasil, ideia que aprofundaremos mais adiante no trabalho. Pesquisadores como Maria da Glória Gohn, Lester Salamon, Mário Aquino e Simone de Castro Tavares Coelho são alguns autores que irão nos ajudar, junto de Falconer, com suas literaturas nesta abordagem sobre o Terceiro Setor no primeiro capítulo.

Nesta perspectiva, entendemos que o Terceiro Setor, em nosso país, ainda carrega uma imagem que é um tanto marginalizada, pelo fato de abraçar as inúmeras causas, de estar envolvido diretamente com temas polêmicos do coletivo, e em sua grande maioria em defesa das minorias, as quais ganham voz no Terceiro Setor. Vemos que atualmente no ponto de vista de muitos, seria no Terceiro Setor que se fortaleceriam algumas lutas, as disputas por espaço na sociedade, o que para muitos se tornou “mi, mi, mi”. Por conta disto, em nosso país o Terceiro Setor, busca desconstruir esta ideia, ou seja, busca seu “Lugar ao Sol”.

Além de ser um espaço de luta da população, o Terceiro Setor no Brasil se organiza também para garantir seu espaço, seu protagonismo, para atingir tanta relevância quanto o primeiro e o segundo setor dentro da sociedade.

1.1 OBJETIVO

Analisar o trabalho pedagógico da Associação São Roque na cidade de Piraquara-PR e como seus protagonistas (profissionais, crianças, adolescentes e famílias) são impactados pelo trabalho da instituição e como compreendem seu papel de cidadãos a partir da relação com a instituição.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o como a Associação São Roque atua, quais os seus princípios, no que acredita, o que defende e como realiza seu trabalho.
- Pesquisar quem faz o trabalho pedagógico na instituição e quais contribuições a função do pedagogo traria à instituição.
- Mostrar os posicionamentos da equipe educacional a respeito do trabalho pedagógico dentro da São Roque.
- Identificar o trabalho pedagógico com crianças e adolescentes, levantar, através de entrevistas e questionários, o impacto que a instituição pode levar a vida de seus participantes.

1.3 METODOLOGIA E FONTES

Para realização do trabalho utilizaremos a metodologia qualitativa e exploratória, através de um estudo de caso do trabalho pedagógico realizado na Associação São Roque que atua com projeto cultural em Piraquara/PR.

A pesquisa será desenvolvida através do estudo de caso na intenção de buscar maior entendimento com relação a Associação que desenvolve o belo e também complexo trabalho de empoderamento cultural, através de atividades pedagógicas com crianças e adolescentes, apesar de não ter um pedagogo dentro do quadro de profissionais. Este estudo de caso, além de buscar conhecimento, também tem a intenção de “incentivar” iniciativas que abracem o pedagogo em seus projetos, para que futuramente sejam ampliadas as oportunidades de que todas as

instituições sociais possam enriquecer seu quadro de funcionários incluindo um profissional da pedagogia, que poderá se denominar como um pedagogo social, um educador, um facilitador social.

Entendemos que este trabalho de conclusão de curso seja um tanto atípico, pelo fato de buscarmos estudar possibilidades de trabalho do pedagogo social, justamente em uma instituição que atualmente não possui um pedagogo em seu quadro desenvolvendo trabalhos na mesma. Isto torna tudo um pouco mais desafiador, ao mesmo tempo em que torna o trabalho ainda mais rico, pois o fato da instituição não possuir um pedagogo assim como algumas já possuem, faz com que possamos inferir e pensar na potência que este profissional traria à instituição.

Infelizmente a pandemia no ano de 2020 provocada pelo coronavírus, durante nossa pesquisa, causou algumas mudanças de estratégias em nossa metodologia: as informações e dados foram coletados através de entrevistas remotas, via formulários do google ou whatsapp, com a equipe profissional. Já com os participantes dos projetos e com as famílias das crianças atendidas, foi necessário algumas alterações em nosso planejamento, pois adiamos de primeiro momento as entrevistas pessoalmente, as quais estavam previstas para ocorrer em meados de Julho/20, que ficarão para o final do ano e conseqüentemente, também para o final do trabalho, na tentativa de já termos superado está fase mais caótica de contágio do vírus, pois com estes grupos, mantivemos a expectativa de poder realizar a entrevista de uma forma mais próxima, as quais felizmente foram realizadas com sucesso seguindo a alteração de nosso planejamento. Neste momento nos debruçamos em uma ampla análise em cima do tema abordado através de uma investigação aos trabalhos desenvolvidos pela instituição.

2 O TERCEIRO SETOR

Terceiro Setor é composto por um grupo de organizações sem fins lucrativos; o mesmo é formado por associações, fundações, instituições, organizações religiosas e organizações não governamentais.

Para compreender o que é o Terceiro Setor é preciso entender os dois primeiros setores. O primeiro é o Governo que tem como responsabilidade agir para

melhorar as demandas que a sociedade necessita, em relação à educação o Primeiro Setor tem como responsabilidade garantir a todos, independente da classe social, o acesso a este direito com qualidade. O governo cria políticas públicas, projetos e leis a fim de dar ao sujeito autonomia e capacidade de agir dentro do contexto em que vive, no entanto sabemos que na prática isto não acontece de fato. O segundo setor é o mercado, que visa o lucro, mas gera desenvolvimento e assim dá oportunidade de emprego e renda ao cidadão. Uma distinção importante a se atentar é que o governo não é privado, isso significa que suas ações devem visar o bem estar coletivo e se voltar a todos e devem chegar a todas as classes, grupos e pessoas. Já o mercado trabalha movido por outros interesses, o capital é o principal deles, e para quem ele escolhe como o seu público alvo, isso significa que o mercado escolhe o grupo, classe e pessoa que pretende atingir com seu produto. Na grande maioria das vezes, todos os serviços prestados pelo governo “gratuitamente” à todos, o mercado também oferece, porém de forma privada, a educação por exemplo, também é oferecida de forma privada ao público, porém somente aqueles que possuem uma posição financeira de acordo com este setor, pode usufruir desta educação oferecida pelo mercado, e o mesmo ocorre com os demais serviços prestados, resumindo, o mercado oferece os produtos e serviços para aqueles que podem pagar.

Compreender o Terceiro Setor é complexo, pois este é formado por inúmeros grupos, por inúmeras lutas. Porém, não menos importante é compreender a sociedade civil, pois é ela que compõe o Terceiro Setor. Visar e acompanhar o desenvolvimento e as necessidades da sociedade é essencial, visto que o Terceiro Setor é um grito da população, clamando por visibilidade social.

Drucker (1999) traz uma observação com relação a ideia de produto do Terceiro Setor;

Seu produto é um ser humano mudado, um paciente curado, uma criança que aprende, um jovem que se transforma em adulto com respeito próprio, ou seja, toda uma vida transformada (DRUCKER, 1999, 47 *apud* POTIGUAR, 2012, p. 47).

O Terceiro Setor age quando os demais setores já existentes não dão conta das demandas que a sociedade carece, este setor não se define nem como público e tão pouco como privado. O dinheiro e os recursos para este setor são captados

tanto dos meios públicos quanto do privado, de formas solidárias, mas também estratégicas tanto para o Estado quanto para o Mercado. Mas por que dar apoio ao Terceiro Setor, por que o Estado e o Mercado se solidarizam com as promessas do Terceiro Setor? A legislação reguladora das organizações do Terceiro Setor propicia subvenções e isenção de taxas e impostos, pois elas atuam onde o governo deveria atuar, provendo as necessidades sociais (COELHO, 2000).

A busca incansável pela igualdade na sociedade, sempre foi marcada por muitas lutas, lutas que deram origem aos inúmeros movimentos sociais, os quais também uniram-se ao Terceiro Setor. Segundo Gohn (2000) lutas com diferentes causas, porém com objetivos correlatos.

Por tudo isso o terceiro setor é um tipo "Frankenstein": grande, heterogêneo, construído de pedaços, desajeitado, com múltiplas facetas. É contraditório, pois inclui tanto entidades progressistas como conservadoras; abrange programas e projetos sociais que objetivam tanto a emancipação dos setores populares e a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, com justiça social, como programas meramente assistenciais, compensatório, estruturados segundo ações estratégico racionais pautadas pela lógica do mercado. Um ponto em comum: todos falam em nome da cidadania. (GOHN, 2000, p.22).

O Terceiro Setor chega na sociedade com o objetivo de curar e/ou amenizar as feridas marcadas pela desigualdade existente entre os povos, este une a população numa busca dos direitos, reafirmando a necessidade de se haver o cumprimento destes. O Terceiro Setor é compreendido como uma esperança de haver igualdade, ou então, de haver no mínimo uma busca metódica e comprometida por estes direitos.

As inúmeras associações existentes dentro do Terceiro Setor, que formam o então chamado por GOHN (2000) de "Frankenstein," pelo fato de que, nesse setor, se unem várias lutas e histórias, as instituições que compõem o Terceiro Setor se apresentam como mediadoras dessas lutas, visto que normalmente estão não somente perto dessa sociedade que busca pela igualdade, mas por ser a própria parcela da sociedade que deseja a justiça entre o seu povo, desta forma as mesmas estão cercadas por uma responsabilidade social que carregam em seus nomes e objetivos;

Justiça – para Salamon, este é um dos maiores desafios que o terceiro setor tem pela frente. Em sua busca pela sustentabilidade, seja ela institucional ou financeira, as organizações devem seguir fielmente a sua missão social.

Isso quer dizer, por exemplo, não buscar recursos de empresas socialmente irresponsáveis. (GIFE, 2002. s/n).

No mundo do Terceiro Setor, como disse FALCONER (1999) “Convivem motivações filantrópicas e altruístas, variadas causas, crenças e confissões, ativismo político e interesses de várias ordens” (p. 21). Aqui é onde as causas se encontram, e das mais diversas formas criam vida e buscam espaço para defender seus objetivos. Neste trecho de Falconer uma palavra se destaca: interesse, sim o Terceiro Setor assim como o Estado, e assim como o Mercado, também é cheio de interesses: interesses civis, interesses do povo, interesses que os unem dentro das causas, pois as lutas dentro do Terceiro Setor, assim como nos demais, não são imparciais, estas defendem as que mais representam os movimentos sociais envolvidos.

O Terceiro Setor como já abordamos não é apenas um setor de lutas, mas é um setor que vem principalmente com o intuito de atuar onde os outros dois setores deixam a desejar. No entanto, para Salamon, a solução de problemas públicos, que deveria ser a *raison d'être*³ do Terceiro Setor, não é unicamente de responsabilidade do Estado, mas esta responsabilidade não poderá ser transferida totalmente para o Terceiro Setor. (FALCONER P.16. 1999). Estado e Terceiro Setor necessitam trabalhar juntos pelo desenvolvimento do bem estar e da minimização das injustiças sociais.

Por conta disto, o Terceiro Setor foca em captar recursos que são doados pelos demais setores, visto que os problemas não se remetem apenas a ele, mas também aos outros setores, e, para que o Terceiro Setor possa sustentar suas causas, para que leve condições onde os demais setores não alcançam, ocorre entre os três esta parceria financeira que vem do público e do privado, visto que, idealmente, o Terceiro Setor não foca no dinheiro, mas sim nas ações,

Constatando que o dinheiro, no terceiro setor, é normalmente um meio e não um fim, a governança das organizações, a gestão de pessoas, a captação de recursos, a promoção e entrega de produtos e serviços, e a avaliação de desempenho diferem significativamente do setor Mercado. (FALCONER p.22. 1999).

³ *raison d'être*: razão de ser

2.1 O QUE É PROJETO SOCIAL

Um projeto é um plano de ideias com finalidade de execução com começo, meio e fim, assim é também um Projeto Social. Agora, uma das características que diferencia o projeto social dos demais tipos de projetos é a sua ação, que visa resolver problemas que a sociedade tem e que nem sempre são resolvidos pelo estado/governo, que é o responsável por solucionar as demandas que a sociedade apresenta. Exemplificando melhor, um projeto social trabalha com a finalidade de ajudar a solucionar dificuldades que as pessoas e os grupos encontram em seu caminho, assim os projetos sociais podem trabalhar com variados problemas que encontramos na sociedade. Então é possível encontrar projetos que façam trabalhos na área da Saúde, Educação, Cultura, Meio Ambiente, Segurança entre outros.

Como já dito, as classes mais pobres passavam e passam por inúmeras desigualdades sociais como saúde, segurança, educação etc. Isso fez com que inúmeras pessoas e grupos lutassem por seus direitos. Se hoje é possível estudar sem pagar por isso é porque houve movimentos sociais para que a educação chegasse a ser um direito de todos, assim foi e é com todas as demandas que a sociedade tem. Movimentos sociais acontecem pelo menos há 500 anos no Brasil isso ocorreu com os escravizados que lutavam por sua liberdade e nos dias de hoje, por exemplo, projetos que procuram dar a oportunidade do acesso mais amplo à cultura para comunidades periféricas, por exemplo, ou com comunidades indígenas que lutam por direito de ter seu espaço e sua terra.

Foi na década de 1980 que os movimentos sociais ganharam grande força diante de inúmeras exigências da população para com o governo. Com isso muitas demandas vieram a se transformar em leis e direitos do cidadão, então foi conquistado o direito de **“Ter Direito”** assegurado pela constituição.

A organização inicial desses segmentos sociais se deu nos anos 80 por meio das ações de movimentos e organizações de lutas por direitos. Eles criaram uma pauta de reivindicações que se transformou em leis, criando uma nova juridização para o social e inúmeros canais de interlocução com o Estado via conselhos gestores, câmaras etc. Participando destes canais, como representantes da sociedade civil, encontramos um universo grande de organizações, movimentos sociais, ONGs, associações comunitárias de vizinhança, fundações, entidades filantrópicas, "empresas cidadãs" etc. que compõem o chamado "terceiro setor". (GOHN, 2000, p. 21).

2.2 COMO OS PROJETOS SOCIAIS ENTRAM NO TERCEIRO SETOR

Apesar de entendermos o marco temporal da década de 1980 como o grande momento de eclosão dos movimentos sociais e dos trabalhos sociais no Brasil, sabemos que ações organizadas pelo social estavam presentes no país desde o século XVI, não necessariamente com tal nomenclatura, através das igrejas, das Santas Casas de Misericórdia, que desenvolviam um trabalho social de ajudar aqueles que menos tinham, através de ações assistencialistas, evangelizadoras e de caridade e filantropia, como destaca Abreu (2001):

Poucas foram, também, aquelas que, privilegiando a assistência ao outro, mais do que aos confrades e seus familiares, ambicionaram cuidar de todos os que necessitassem de auxílio, incluindo-se aqui a ajuda espiritual consubstanciada na celebração de missas que retiraram as almas pecadoras do Purgatório. Todavia, por razões de natureza econômica e política, a maior parte das Misericórdias acabou por restringir o seu campo de intervenção aos presos, às mulheres que em situações tão diversas como a viuvez ou a orfandade se encontravam desamparadas, aos doentes e, às vezes, às crianças abandonadas. (ABREU, 2001, p. 599 - 600).

As Organizações Não Governamentais começam a ganhar visibilidade formal no Brasil, a partir da década de 1970, em meio à ditadura militar, quando grupos de pessoas, que em sua grande maioria discordavam da forma em que o Estado realizava seu papel com relação à garantia de direitos sociais e do bem-estar da população, iniciam um trabalho árduo de empoderamento social, e principalmente por justiça social.

Os grupos que iniciam suas lutas em meados dos anos 1970 possuem um objetivo a mais com relação às instituições caritativas e filantrópicas, pois estes grupos não se conformaram apenas com apoios assistencialistas, a intenção desses grupos era também poder se ver incluídos de forma justa na sociedade, garantir seus direitos sociais enquanto cidadãos, promovendo a emancipação social: o ato de mostrar ao cidadão que ele é um indivíduo de direitos e deveres, que o cidadão deve lutar por espaços de poder. Os projetos sociais chegam como ferramentas para facilitar a emancipação do indivíduo, além de apenas lhe prestar a caridade humana.

Os grupos atuantes deste momento buscam se articular de forma a se fortalecerem enquanto sociedade civil; para que o Estado não possua tanto controle entre eles, criam-se grandes debates sobre o papel real do Estado, nos quais os grupos notam as diferenças que os cercam, e faz com que busquem por respostas e visibilidade enquanto sociedade, Gohn (1994) relata neste trecho, um pouco de como estes grupos começam a se articular entre si, na percepção de comunidade.

Na realidade, estas demandas não eram novas porque as carências de bens e serviços sempre existiram. O novo foi a forma e o modo de equacionar e de encaminhar as demandas. Criou-se a figura do comunitário, figura híbrida, pois não é nem público nem privado. Trata-se de um público-privado não estatal. A novidade está na redefinição da idéia de comunidade não como um locus geográfico espacial, mas como uma categoria da realidade social, de intervenção social nesta realidade. (GOHN, 1994, p. 7).

Com as iniciativas de organização da sociedade civil, logo os trabalhos para tentar tratar as demandas, que como cita GOHN (1994), não eram novas. A responsabilidade e o comprometimento da comunidade dão a eles a sensação que o Terceiro Setor sempre existiu, faltava a este a articulação do povo enquanto peça principal do quebra cabeças. A partir de então o Estado e o Mercado puderam notar que existia ali um novo setor, o qual precisa de espaço e voz dentro da sociedade.

Sabemos que o Brasil tem uma história que criou uma cultura de comandos autoritários de mandatos legais, baseados mais no direito da força do que na força do direito. E mudar mentalidades formadas para a submissão, o respeito à ordem e a obediência às regras impostas, não é tarefa fácil. Por conseguinte, encontramos, em nosso meio, comportamentos de toda ordem, explicitando a inércia, a rivalidade, o corporativismo, o preconceito, a desconfiança, o desinteresse pela mudança e pelo novo, o conformismo, a falta de perspectivas e a incapacidade de enxergar novas possibilidades. [...] o ponto de vista de que a sociedade pode ser organizada a partir de três setores está se consolidando. Mais do que a adoção de um novo conceito, isso denota uma nova mentalidade, apoiada no reconhecimento da importância das iniciativas que surgem espontaneamente no seio da sociedade civil e de que o 'modelo dualista' não é suficiente para oferecer respostas plenas aos dilemas sociais da atualidade. (SILVA, 2001, p. 20).

Os movimentos sociais que tornam-se cada vez mais visíveis, e com maior responsabilidade social. Começam a buscar formas de se formalizarem dentro da sociedade, para uma melhor forma de organização e identificação e distribuição de responsabilidades entre os grupos, e isto se concretiza através da Lei nº 9.790 de 23 de março de 1999, que traz em suas disposições o seguinte texto.

Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público,

institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências. (Brasília, 1999).

Abaixo trazemos o quadro de legislações organizado pela PORTIGUAR (2012), no qual apresenta a tabela de legislação de MONTANO (2002) que compactua formalmente para o desenvolvimento do Terceiro Setor, respaldando este trabalho dentro das leis.

FIGURA 1 - IMAGEM “QUADRO DA ORGANIZAÇÃO CIVIL DE INTERESSE PÚBLICO”

Quadro 1 – Legislação da Organização Civil de Interesse Público (OSCIP)

LEI / DATA	OBJETIVO	DECRETO
Lei nº 91, de 28 de agosto de 1935	Reconhecer como de utilidade pública as sociedades civis, associações e fundações, constituídas no país, com o fim exclusivo de servir desinteressadamente à coletividade.	A lei é regulamentada pelo Decreto nº 50.517, de 2 de maio de 1961.
Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998	Serviço Voluntário, considerado como atividade não remunerada prestada por pessoa física à entidade pública. O serviço voluntário não gera, segundo a lei, vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista ou previdenciária.	
Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998	Qualifica como organizações sociais pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde. A lei promove uma verdadeira transferência de atividades estatais para o setor privado.	
Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999	Qualifica pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), e institui e disciplina o termo de parceria. O artigo 9º da lei institui o termo de parceria a ser firmado entre o Poder Público e as OSCIPs, destinado ao vínculo de cooperação entre as partes.	A lei é regulamentada pelo Decreto nº 3.100, de 30 de junho de 1999, e pela Portaria MJ nº 361, de 27 de julho de 1999. Alterada pela Medida Provisória nº 2.123-29, de 23 de fevereiro de 2001.

Fonte: Adaptada de Montañó (2002)

FONTE: (MONTAÑO 2002, apud, PORTIGUAR, 2012)

Através da formalização da atuação social através das leis, os grupos de movimentos sociais se articulam para se unirem as Organizações não Governamentais, visto que possuem os mesmos objetivos e buscam atender às mesmas demandas, isto faz com que as ONGs ganhem ainda mais força social, e conseqüentemente, faz com que os movimentos sociais estejam formalizados dentro da sociedade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, por exemplo, no artigo 90 –

Das Entidades de Atendimento –, não deixa dúvidas sobre a formalidade dessas práticas e dos programas de proteção sendo que, em alguns casos, faz-se presente a obrigatoriedade da intervenção do Estado, no caso de haver determinação judicial, configurando algo que não é da ordem do espontâneo, ao contrário, é solene, grave, sério. Além disso, esse artigo do ECA reitera que as entidades de caráter social, educativas ou de qualquer outra natureza, que se dedicam à proteção da infância e da juventude devem formalizar e justificar as suas ações numa rede social mais ampla, a fim de legitimar o seu projeto e sua prática pedagógica e, de certa forma, ter o “aceite” prévio de um ente reconhecido organizador da política, no âmbito dos municípios. Os Conselhos Municipais da Criança e do Adolescente são um exemplo. (ZUCCHETTI MOURA, 2010, p. 631).

Entendemos que as ONGs normalmente possuem o papel da captação dos recursos para tratar os problemas sociais, já os Movimentos Sociais não são protagonistas na captação de recursos diretamente, pois possuem o papel mais amplo de lutar para mudar a realidade social desta população que está sendo atendida pelas ONGs, na intenção de realizar um trabalho preventivo e através de suas várias formas de manifestações, de luta por direitos que estão sendo violados ou que até mesmo, direitos que ainda são inexistentes para uma porcentagem da população. Nascimento (1988) explicita a visão comum destes dois grupos com relação ao capitalismo.

Mais que uma contestação ao sistema capitalista existia por trás de sua exclusão daquele mesmo sistema, e de onde, o desejo de ingresso, manifestações concretas, extremamente diversificadas, o repúdio à reformando-o. Não se tratava de acabar com o capitalismo, mas antes de nele ingressar ampliando-o. (NASCIMENTO, 1988, p. 33).

Este trecho é apenas uma das ideias, de que, tanto as ONGs quanto os movimentos sociais, possuem a finalidade de tentar garantir que a população que está descoberta de direitos possa ter um mínimo de emancipação social, compreende-se o capitalismo como está posto, mas deseja-se uma mudança completa, um capitalismo reestruturador e transformador, e não da forma como o temos, que torna o cidadão um ser alienado, que muitas das vezes desconhece o sistema, apesar de ser peça fundamental dentro dele. No trecho é citado apenas um dos eixos, porém no geral, a intenção é que esta população possa ser incluída e conhecedora de todos os outros os eixos, e principalmente conhecedora deste sistema, para não se deixar alienar por ele.

De certa forma, compreende-se que o conhecimento emancipatório das classes só é possível através da educação, e conseqüentemente, é por conta disto que uma das principais lutas, dentro dos movimentos e das ONGs, é a garantia da educação de qualidade. Talvez justamente por isso a educação é tão atacada direta

e indiretamente em nosso país. O ponto de vista de GADOTTI (2000) nos possibilita ter uma básica noção com relação a esta discussão, quando o mesmo salienta as oportunidades que a educação popular dá aos cidadãos, as formas com que o Estado encontrou para reprimi-la, e a forma que se buscou para continuar garantindo este direito a população, através das ONGs;

(...) terreno fértil das utopias de independência, autonomia e libertação, que propunham um modelo de desenvolvimento baseado na justiça social. Para esse modelo de educação popular a conquista do Estado era fundamental. Porém esse processo foi interrompido pela brutal intervenção militarista e autoritária. A educação popular refugiou-se, então, nas Organizações Não Governamentais [ONGs] e, alguns casos, na clandestinidade. (GADOTTI, 2000, p. 292).

Enfim, compreendemos que os movimentos e projetos sociais se articulam no Terceiro Setor com maior força e visibilidade, após a criação das legislações que norteiam e especificam com maior clareza, os objetivos do Terceiro Setor, com isto, os movimentos e projetos sociais que se encaixavam dentro das normas descritas nas leis, foram incluídas dentro do Terceiro Setor, através das ONGS, OSCIP, OS, OCS etc.

2.3 CAPTAÇÃO DE RECURSOS

Apesar do Terceiro Setor ser independente do primeiro e do segundo setor, o mesmo deve seguir a leis que o Estado criou para a regulamentação dos direitos e deveres em sua atuação. Para realizar seu trabalho os projetos sociais precisam também captar recursos que podem vir de duas maneiras: com investimento de instituições privadas ou com verba do governo adquirida por meio de editais e a leis de incentivo à cultura.

A lei 8.313, de 1991, que até o ano de 2019 recebia o apelido de Lei Rouanet e agora se chama “**Lei de Incentivo à Cultura**”, é a principal maneira de arrecadação de recursos para adquirir verba para o funcionamento das instituições do Terceiro Setor. Vale ressaltar que a lei dá direito à arrecadação de recursos não somente para instituições do Terceiro Setor, mas também para artistas e toda a classe da cultura.

E como funciona isso na prática? A instituição escreve seu projeto em editais estaduais ou federais, procura patrocinador ou inscrever seu projeto na lei de incentivo à cultura; os recursos podem vir de uma pessoa que declara imposto de renda ou até mesmo de empresas.

Qualquer cidadão que realize a declaração de imposto de renda ou qualquer empresa tributada com base no lucro real pode apoiar projetos culturais utilizando o mecanismo do incentivo fiscal previsto em Lei. Pessoas físicas terão desconto de até 6% do imposto devido e pessoas jurídicas, de até 4%. O patrocínio pode ser dado a qualquer projeto que tenha sido previamente aprovado pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania. (BRASIL, 1991).

Com a lei de incentivo, a instituição que passar nos requisitos básicos dos editais poderá receber os recursos que possibilitem que ela realize seu trabalho. Esta parceria entre as empresas, o estado e as pessoas através de seus impostos, com o Terceiro Setor tem sido o que classicamente vem mantendo, ainda que diante de dificuldades, os trabalhos de inúmeras associações e projetos comunitários junto às populações mais vulneráveis e periféricas.

2.4 COMO O (A) PEDAGOGO (A) SE INSERE NO TERCEIRO SETOR

Sabemos que atualmente o campo de atuação do Pedagogo (a) está muito mais amplo, apesar das defasagens da formação deste profissional, que muitas vezes rejeita, dentro dos cursos superiores, a abordagem do trabalho pedagógico não escolar, num entendimento equivocado de que este trabalho rivalizaria com o trabalho do pedagogo escolar. Tal discriminação na abordagem de outros campos de trabalho dentro dos cursos de pedagogia dificulta que os pedagogos e pedagogas tenham em sua formação inicial uma formação mais sólida para sua atuação profissional, o que acaba sendo compensado em alguma medida pela formação adquirida em serviço e nos cursos de pós-graduação.

Apesar disto, este profissional tem, cada vez mais, buscado atuar para além dos espaços escolares. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia de 2006 trazem em seu Art. 4º o seguinte texto sobre as possibilidades de atuação do profissional de pedagogia, além do espaço escolar;

IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo; (BRASIL, 2006, p. 2).

E o que seriam então os espaços não escolares, citado nas Diretrizes? Aqui entra o que também chamamos de educação não-formal, ou seja, aquela que não necessariamente acontece dentro da escola, e que nem sempre está ligada aos conteúdos didáticos, mas também acompanha todo o contexto social do educando

em suas diferentes realidades. Gohon (2006, p.2), traz sua ideia de educação não-formal;

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHON, 2006, p.2).

Lembrando que a educação não-formal, está relacionada a quaisquer atividades as quais não aconteçam no ambiente escolar, e que tenha como objetivo intencionalmente demarcado desenvolver no indivíduo a relação de explorar e conhecer sua realidade, e mais especificamente, a comunidade que este vive, acompanhado também, de intencionalidades da promoção de conhecimento. Ou seja, através do Artigo 4º os profissionais formados em pedagogia, encontram uma possibilidade de atuação em outros campos, nos quais possam desenvolver seus trabalhos além do ambiente escolar. Sabemos que o Terceiro Setor, é composto por inúmeros projetos e ações sociais, parte destes englobam a educação enquanto tema de luta, e também enquanto necessidade da garantia deste direito, para que estes indivíduos, possam questionar sua realidade, e assim, poder construir um pensamento crítico e emancipador sobre ela, e principalmente sobre a sua visão de mundo. Como Freire (1980) traz, para que estes possam “Existir humanamente”.

Existir humanamente, é **Pronunciar** o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo **pronunciar**. (FREIRE, 1980, p. 44).

GOHN (2009) expõe em um de seus artigos uma série de temas relacionados à educação, que normalmente são discutidos dentro dos projetos sociais e ONGs, estes fazem parte da gama de assuntos a serem discutidos na educação não-formal;

- a) Educação para justiça social.
- b) Educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.).
- c) Educação para liberdade.
- d) Educação para igualdade.
- e) Educação para democracia.

f) Educação contra discriminação.

g) Educação pelo exercício da cultura, e para a manifestação das diferenças culturais." (GOHN, 2009, p. 31).

Os temas citados acima compõem uma lista de assuntos que normalmente deveriam ser também abordados na educação formal, mas acabam sendo tratados de uma forma "neutra", ou pode-se dizer um tanto discreta, face ao que estamos vivendo na atualidade, com uma série de discussões e discursos os quais buscam silenciar certos assuntos relevantes dentro da escola, deixando-a com maior teor hegemônico, e com menor teor democrático e emancipatório;

A diferença entre o que se ensina e aprende no interior da escola daquilo que se ensina e aprende nos processos de socialização próprios da família, de uma comunidade (ou bairro), do clube ou dos amigos é que os valores transmitidos e legitimados pela escola são os valores próprios da cultura hegemônica, que se autoproclama erudita, certa, neutra, padrão, em detrimento das culturas populares que são consideradas desviantes e, por este motivo, inferiores. (ZUCCHETTI; e MOURA, 2010, p. 635).

Um exemplo destas tentativas de homogeneização e silenciamento de diferenças na escola está no o Projeto de Lei nº 20/2018, que tem a intenção de impedir discussão gênero dentro do espaço escolar, e também o projeto de lei conhecido como "Escola Sem Partido" (**PL 7180/14**) que propõe impedir também discussões com teor político dentro das salas de aula. Ou seja, assuntos como estes cada vez mais vêm se distanciando da educação formal, e considerando que são discussões que precisam ser abordadas, é preciso que todos tenham acesso a esses e muitos outros temas que hoje não estão incluídos ou estão sendo diluídos dentro do currículo escolar. A escola deve ser um espaço de emancipação, porém cada vez mais, tem sido local onde retorna a ideia de uma aprendizagem tecnicista voltada para unicamente para o trabalho. Vemos neste trecho de Gamarnikow (2013), uma importante colocação sobre este fato;

Do ponto de vista de países individuais no mundo globalizado, educar os cidadãos é a única estratégia viável para a sobrevivência econômica – competindo com êxito por investimentos e empregos na economia global. (GAMARNIKOW, 2013, p. 193).

Percebemos que a principal intenção do Estado é garantir uma economia competitiva e devoradora e cada vez mais, fica visível que a educação escolar, aos olhos do Estado, só tem importância para gerar cidadãos trabalhadores que darão continuidade neste ciclo.

No entanto, esta concepção apenas confere o atributo de cidadão aos indivíduos que se apossam dos conhecimentos e habilidades considerados necessários para que se integrem como força de trabalho eficiente nos setores produtivos da economia capitalista. (ZUCCHETTI; MOURA, 2010, p. 639).

O fato de se pensar em uma educação democrática na qual os educandos gozem de um ensino libertador, que contemple as artes e humanidades dentro das escolas de nosso país ainda está longe de nossa realidade.

Acreditamos que a grande maioria dos profissionais da educação sente necessidade de educar para libertar, e isto é o que os levam para o âmbito social. No entanto, não podemos romantizar esta etapa da vida de um profissional formado em pedagogia que decide trabalhar na área social, como sendo um processo fácil, pois sabemos que a formação do pedagogo ainda é um tanto limitada para dentro dos muros da escola, e isto tem impactos relevantes no desenvolvimento do trabalho na área social. Zucchetti e Moura (2016), mostram que infelizmente em muitos casos, os profissionais chegam despreparados para lidar com a realidade de uma educação não escolar;

Atualmente, a educação não escolar vem sendo um lócus de inserção de educadores leigos e/ou de estagiários de cursos de Licenciaturas, de educadores sociais e de professores que têm realizado sua formação acadêmica centrada no processo de aprendizagem escolar. (ZUCCHETTI; MOURA, 2016, p. 1661).

Quando falamos que não devemos romantizar esta etapa do processo, no qual o profissional da educação decide sair de espaços formais e aceita o desafio de ir para o Terceiro Setor, falamos no sentido, de que estes profissionais sentem-se despreparados para aquela realidade, pois muitas das vezes vêm na área social um caminho de esperança, na qual desejam contribuir grandemente com seu papel, porém ao enfrentar a realidade de que sua formação deixa a desejar quando o assunto é “educação não escolar” sentem-se inferiores para o papel.

No entanto, acreditamos também que a formação de Pedagogia, apesar do enfoque escolar, nos torna uma peça “coringa” ao tentarmos nos encaixar em outras áreas, pelo fato de sabermos que o conhecimento nos habilita e nos permite ir além, ou seja, apesar de desafiador, não é impossível, porém isto não dá o direito do Estado não garantir aos profissionais uma formação adequada, e profissionais capacitados para o desenvolver das atividades.

No geral, todo o profissional necessita atualizar seus conhecimentos, e buscar melhorar a cada dia para um melhor desenvolvimento de seu trabalho, e no âmbito social, é imprescindível que estes profissionais que estão chegando estejam abertos a novos aprendizados, da mesma forma que a equipe que já se encontra no local, esteja disposta a ajudar os novos companheiros, pois afinal, todos possuem os mesmos objetivos, auxiliar para que possam transformar e/ou apenas contribuir para a vida das pessoas que ali frequentam. E isto é possível com o que Zucchetti e Moura (2016) chamaram de conhecimento produzido de forma “artesanal” e coletivo;

Nesse sentido, podemos supor que a instauração espontânea de práticas desse tipo que visam criar um espaço coletivo de discussão e troca de experiências em torno de problemas/dificuldades comum a todos, configura uma explícita vontade de formação. Uma vontade de formação que enfrenta os obstáculos do ofício com tenacidade e persistência para construir um saber adequado e compatível as "nuances" da prática, capaz de subsidiar teórica e metodologicamente seu fazer. Estas estratégias evidenciam a produção "artesanal" de um conhecimento suficiente, consistente e adequado às especificidades desse locus: a educação não escolar. A essa produção "artesanal" de um conhecimento que nasce colado ao fazer, que permite aos educadores superar os desafios impostos pela prática, por meio de arranjos locais e situacionais, de mais do que uma formação em serviço, configura a efetiva experiência de (trans)formação. (ZUCCHETTI MOURA, 2016, p. 1666).

Esta troca entre profissionais faz com que todos conversem e compartilhem de suas experiências, na intenção de fazer com que possam se capacitar juntos para a realização de um trabalho cada vez melhor.

Para finalizar este tópico, salientamos que a educação formal e a educação não formal, possuem suas particularidades e contribuição no desenvolvimento do indivíduo, isto pelo fato de que, precisamos concordar com Streck (2006, p. 273) “apesar de todas as mudanças, permanece como fato iniludível que a educação é – também e sempre – um ato político”.

2.5 MAPEAMENTO DOS PROJETOS SOCIAIS EXISTENTES NA CIDADE DE PIRAQUARA/PR RELAÇÃO ENTRE OS PROJETOS E A REDE DE PROTEÇÃO

Desde o começo desta pesquisa tínhamos como intuito buscar aprofundar o trabalho do (a) pedagogo (a) em ambiente não escolar, para isso acreditávamos ser importante saber quais são os projetos sociais vigentes na cidade de Piraquara e no bairro do Guarituba e ter acesso a relações desses projetos com a rede de proteção à criança e ao adolescente; isto nos mostraria a importância da participação pedagógica e de um profissional formado em pedagogia e também realçaria o

quanto é relevante sua atuação nestes espaços. Mas, devido à pandemia, encontramos dificuldades de acesso aos órgãos da prefeitura que poderiam nos apresentar estes dados. Entramos em contato, mas não recebemos respostas, e nos deparamos com conteúdo desatualizado online, o que tornou este tópico de nossa pesquisa inviável no momento. Nosso interesse terá que esperar por outro momento, em outro trabalho para uma próxima pesquisa, com isso fica essa pergunta que é interessante e que resultará em uma pesquisa futura.

2.6 POR QUE TER UM PROJETO SOCIAL NA COMUNIDADE DO GUARITUBA

Guarituba é um bairro localizado na cidade de Piraquara/Pr que, ainda nos dias de hoje, mesmo com mais investimento do governo, continua a ser um local de vulnerabilidades, com falta de estrutura e de saneamento básico, além de ser uma área com grande número de ocupações (às quais muitos chamam de invasões) sem documentação regularizada de quem mora ali.

As ocupações irregulares situam-se principalmente na região do Guarituba. [...] com más condições de habitabilidade e graves deficiências de infra-estrutura sanitária (rede de água, esgoto e drenagem) e elétrica. (TESSEROLLI, 2008, p. 22).

O bairro também é afetado por não possuir segurança, sendo considerado o bairro mais perigoso de se morar na cidade. Nos últimos anos vem ocorrendo uma transformação nas ruas, que estão sendo asfaltadas, a luz pública está cada vez melhor e o trabalho de saneamento vem acontecendo, mas ainda está longe de ser um lugar com o mínimo necessário para se viver bem.

Figura 2 - Foto “Rua do bairro Guarituba Ano 2018”



FONTE: Associação B. São Roque (2018)

Figura 3 - Foto “Rua das Hortências depois da chuva no Bairro Guarituba”



FONTE: Associação B. São Roque (2019).

Figura 4 - Foto “Rua das Hortências do bairro Guarituba neste ano”



FONTE: Associação B. São Roque (2020).

Piraquara/Pr entrou para o grupo das 30 cidades mais perigosas do país, o bairro do Guarituba é o lugar onde acontecem a maioria dos crimes da cidade e como já dito antes é onde é mais precário de se morar.

Piraquara é a oitava mais violenta do país e a primeira do Estado. A cidade possui cerca de cento e quatro mil habitantes e registrou 83 homicídios e oito mortes violentas com causa indeterminada. No cálculo do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), os números conferem uma taxa de homicídios de 87,1%. (RESENDE, 2017 s/n).

Apesar das dificuldades apresentadas é possível encontrar instituições que hoje fazem a diferença e buscam mudar esse cenário de alguma forma; esse movimento de fazer o bem transforma um cenário indesejável em um ambiente que dê prazer e vontade fazer parte, o que acontece em muito por causa de projetos sociais existentes no bairro. Para compreender melhor essa contribuição dos projetos sociais na realidade do Guarituba vamos abordar o trabalho da Associação Beneficente São Roque, que vem atuando há mais de trinta anos na cidade e no bairro do Guarituba.

O município junto com a Associação possui uma relação de parceria de muito

tempo, o que é fácil de averiguar, através do acesso nas plataformas digitais tanto da prefeitura como da Associação. A mais recente parceria do município com a ONG é um projeto cultural intitulado de “Sons das Águas” realizado pela São Roque. A ideia de “Sons das Águas” é levar música clássica erudita, com outras expressões artísticas incorporadas nas apresentações, para os moradores do município. A princípio as apresentações iriam ocorrer uma vez por mês nos espaços disponibilizado pela prefeitura de Piraquara, mas devido a pandemia do Covid-2019 a realização do projeto “Sons das Águas” passa a ser disponibilizados em forma de audiovisual como relata a Associação Beneficente São Roque nos seu perfil do Facebook.

O projeto "Som das Águas" é uma realização da Associação São Roque. A proposta é apresentar um repertório variado ao público, contemplando várias expressões culturais.

Apresentado desde abril de 2020, com a parceria da Prefeitura de Piraquara, mediante Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, em função da Covid-19 e o consequente isolamento social, a partir de julho passou a ser produzido como produto de audiovisual, a fim de manter a proposta neste período em que atividades culturais estão interrompidas, e, assim, também oferecer cultura à população em plataformas digitais.

Neste mês o "Som das Águas" traz o show da dupla Ághata Pradnik e João Borth. Gravado no cine-teatro da Praça do CEU, Guarituba, no dia 6 deste mês, a apresentação também inclui uma entrevista com os artistas que falam um pouco sobre a carreira, cultura e o próprio repertório. (Roque, 2020. s/n).

Enfim, através deste trecho pudemos conhecer um pouco sobre a história da comunidade do Guarituba, e também começamos a compreender sobre o trabalho desenvolvido pela associação em parceria com o município de forma direta, visto que os trabalhos desenvolvidos pela associação sempre tiveram o intuito de impactar positivamente a comunidade na qual está inserida, e consequentemente ao município, o qual reconhece o trabalho da mesma como algo positivo para o desenvolvimento de seus cidadãos. Na sequência conheceremos a história da associação São Roque e seu belo trabalho dentro da comunidade.

3 HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SÃO ROQUE

Em março de 1988 um grupo de jovens que tiveram contato com o trabalho do Frei Rui Guido Depiné na cidade de Piraquara/PR criaram a Associação Beneficente São Roque. No começo os recursos para manutenção dos projetos eram captados por meios de rifas, bingos, doações, associados e de jantares; a

verba arrecadada era destinada a pacientes do Hospital Dermatológico do Paraná que atendia pessoas portadoras de hanseníase. Em 1990 a São Roque ampliou seu trabalho criando o programa ALCANCE.

3.6 FREI RUI GUIDO DEPINÉ

Figura 5 - Foto “Frei Rui Guido Depiné”



FONTE: Facebook Amigos do Frei Rui (2020)

Frei Rui nasceu em 08/10/1942 em Rodeio, SC, vem de uma família de 11 irmãos, filho de Giusepe Depiné e Lídia B. Depiné, trabalhadores agricultores, Rui Guido viveu cerca de 40 anos em Piraquara onde seu trabalho é muito reconhecido por todos. Durante todo esse período ele mostrou sua verdadeira intenção de ajudar e apoiar o próximo, era apaixonado por poesia e também escrevia as suas. Além disso, o Frei não era apegado às coisas materiais sempre que ganhava algo doava para quem precisasse mais do que ele.

Frei Rui tem muito prestígio por seu trabalho no Hospital de Dermatologia do Paraná, mais conhecido como Hospital São Roque situado em Piraquara. É

conhecido e reconhecido, tendo virado notícia por diversas vezes. Sua dedicação em ajudar pessoas portadoras de hanseníase é um dos fatores que chamava muita atenção, pois o Frei não tinha medo de ficar perto dos doentes, apesar do estigma da doença e sempre esteve à disposição para tudo e todos.

Frei Rui recebia doações e recursos para ajudar a comunidade, seu trabalho foi crescendo e à medida que obtinha reconhecimento mais pessoas foram se juntando a essa corrente do bem de ajudar o próximo, assim pessoas que tiveram contato com Frei Rui se encantaram pelo seu trabalho e personalidade e decidiram ajudar. Dessa forma surgiu a Associação São Roque, que hoje além de apoiar o trabalho iniciado por Frei Rui no Hospital São Roque, realiza um trabalho que desenvolve arte no bairro do Guarituba.

Frei Rui foi a grande inspiração para a criação da São Roque, pois a partir de seu trabalho e sua força de vontade de ajudar o próximo despertou e plantou a semente do amor em quem lhe acompanhava. E é com muito pesar que relatamos aqui que justo neste ano da pesquisa sobre o trabalho que a São Roque realiza, no qual o Frei Rui tem grande relevância e faz parte, Frei Rui Guido nos deixou, no dia 12 de junho de 2020. Ele veio a falecer na cidade Bragança Paulista, na Fraternidade Franciscana São Francisco de Assis, lugar onde ele estava vivendo desde 2018 para tratar da sua saúde.

Faleceu nesta madrugada, por volta da 01h15, na Fraternidade Franciscana São Francisco de Assis, em Bragança Paulista, SP, Frei Rui Guido Depiné. Frei Rui, que por mais de 40 anos dedicou-se de corpo e alma à missão junto aos hansenianos, seus familiares e pessoas carentes na Colônia São Roque, em Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba, PR, estava desde o fim de 2018 em Bragança Paulista para tratamento de saúde. Embora sua situação fosse bastante frágil desde que chegou àquela Fraternidade – já acometido pelo Mal de Alzheimer e Parkinson –, sua partida rápida e repentina foi recebida com surpresa pelo guardião, Frei Carlos José Körber, pelos demais confrades e profissionais dedicados ao cuidado dos frades enfermos. De acordo com Frei Carlos, desde ontem (11 de junho), Frei Rui apresentou um quadro de desidratação e arritmia cardíaca. Recebeu oxigênio e veio a falecer no início da madrugada deste dia 12 por conta de uma parada cardiorrespiratória. (FRANCISCANOS, 2020. s/n).

3.2 ASSOCIAÇÃO E SEU ESPAÇO

No ano de 2004 a São Roque por meio da Associação Eunice Weaver do Paraná recebeu um novo espaço no bairro do Bacacheri - Curitiba, onde hoje se encontra a sede da instituição. Neste espaço funciona a administração da

associação, além disso, é nessa sede que a associação recebe doações e é onde acontecem os bazares permanentes desde 2004. A renda arrecada colabora com o programa de assistência social “Alcance” e os demais programas que a instituição possui.

Em 2008 quando a São Roque completou 20 anos foi fundada a filial da instituição no bairro do Guarituba em Piraquara, local que é responsável pela maioria das atividades da mesma.

3.3 PROGRAMAS CULTURAIS E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Os Programas culturais da Associação São Roque são divididos em dois núcleos: Literatura, com os programas “CONTASINHOS e ADORA SER”; e núcleo de música com o “CORO e ORQUESTRA GATO na TUBA”. Com os dois núcleos juntos, mais de 200 crianças são atendidas.

Figura 6 - Imagem “Logo do programa Alcance”



FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

Figura 7 - Foto “Dia de Entrega de Cestas Para Famílias do Programa Alcance”



FONTE: Flicker Associação B. São Roque (2018)

ALCANCE é o programa de assistência social da ABSR, criado em 1990 o trabalho começou a abranger ainda mais regiões de Piraquara atendendo famílias do bairro do Guarituba, Bela Vista e Santa Mônica e hoje o programa continua a existir e atende mais de 170 famílias, distribuído mensalmente cerca de 4 toneladas de alimentos. No ano de 2019 o alcance ampliou suas atividades criando um projeto de corte costura o projeto “COSTURANDO O FUTURO”, o curso ganhou uma sala especial na filial da instituição, mães das crianças que participam do projeto junto com mulheres que são do programa alcance são alunas do curso.

O **Programa Alcance** surgiu em 1990. A São Roque iniciou um trabalho visando auxiliar as famílias acometidas pela hanseníase, residentes do Município de Piraquara, para elas terem maior qualidade de vida e acessarem seus direitos. Com o passar do tempo, conhecendo a realidade de outras famílias da região, a Associação entendeu a necessidade de ampliar esse atendimento para famílias não hansenianas, mas que se encontram em situação de extrema pobreza. Hoje a São Roque tem cadastradas 170 famílias, totalizando 700 pessoas, entre adultos, jovens e crianças. Através deste programa, repassa em torno de 4 toneladas de alimentos mensalmente em 3 Núcleos de Piraquara: Guarituba, Bela Vista e Santa Mônica. Além disso entrega diretamente em 30 casas que os doentes não conseguem se deslocar. Também distribui vestuários e móveis para as famílias atingirem um mínimo de conforto. Realiza visitas frequentemente, palestras educativas sobre direitos e deveres, higiene e saúde. [...] **Costurando o Futuro:** Em março de 2019, o Programa Alcance iniciou um novo projeto: “Costurando o Futuro”. É voltado para a qualificação profissional e geração de trabalho e renda. Em parceria com o Conselho da Comunidade da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba-Órgão de Execução Penal, dentro do “Projeto Recomeço”, a professora Adriana Aldamares de Almeida foi contratada para ministrar aulas de corte, costura e modelagem. Com aulas práticas e teóricas, as alunas irão descobrir como diferenciar tecidos, domínio das máquinas, aptidões e

habilidades, desde um simples conserto, até técnicas de confecção e acabamento. As aulas acontecem todas as segundas, quartas e sextas-feiras das 13:30 até as 17:00. (ASSOCIAÇÃO B. SÃO ROQUE, 2020. s/n).

Contasonhos é um projeto que desenvolve o prazer na leitura, é voltado para o público infantil, além de trabalhar com a literatura traz o lúdico das outras artes como desenhos, pintura, contação de histórias, teatro etc.

Figura 8 - Imagem “Logo do Contasonhos”



FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

O **Contasonhos** visa principalmente o incentivo à leitura, formando leitores de 07 a 11 anos e desenvolvendo habilidades linguísticas. Assim como a literatura infantil o projeto tem três finalidades mais abrangentes: educar, instruir e distrair. A terceira, talvez a mais importante, pois o interesse pelo livro existirá a partir dela, que se deve ao ato de contar histórias. O prazer deve envolver as ideias e os ideais que queremos transmitir à criança. Se não houver arte, que traz o prazer, a obra não será literária e sim didática. “A literatura não é como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (Cecília Meireles, 1984, p. 32). Partindo deste pressuposto, podemos afirmar então que as crianças utilizam as situações vividas em cada história para tentar compreender o mundo à sua volta. No mais o projeto tem a finalidade de brincar com a literatura infantil, mostrá-la companheira, despertando o interesse pelo livro através de ato de contar histórias e da mediação de leitura. (ROQUE, 2020. s/n).

Figura 9 - Foto “ Grupo do Contasonhos em Ação na Escola”



FONTE: Flickr Associação B. São Roque (2018)

Adora Ser também é do núcleo de literatura e é voltado para o público adolescente e jovem. Além de procurar despertar a vontade pela a leitura traz assuntos do universo adolescente e da atualidade, assuntos esse que os participantes trazem na roda de conversa e os alunos são os grandes participantes por parte do núcleo no principal espetáculo realizado pela instituição onde trabalha performance, teatro, poesia, declamação, e apresentação de palco.

Figura 10 - Imagem “Logo do Adora Ser”



FONTE: Associação São Roque (2020).

O **Adora Ser** consiste na criação de um espaço único voltado ao público adolescente de 12 a 18 anos, onde ele se sinta encorajado a realizar o

autoconhecimento e sanar dúvidas sobre essa fase tão importante da vida. Nos encontros serão abordados os mais diversos temas que envolvem o universo dos adolescentes sempre com o amparo de atividades e materiais artísticos que facilitem a compreensão. (ROQUE, 2020. s/n).

Figura 11 - Foto “Grupo do Adora Ser Visitando o Museu Egípcio”



FONTE: Flickr Associação São Roque (2018)

Coro e Orquestra Gato na Tuba tem aulas de orquestra. Crianças acima de 8 anos já podem começar no coro e conforme for seu desenvolvimento podem ser chamadas para participar da linguagem musical e posteriormente da orquestra. Iniciação musical é para crianças menores de 8 anos trabalhando muito com música de uma forma bem lúdica.

Figura 12 - Imagem “Logo do Coro e Orquestra Gato na Tuba”



FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

O **Coro Gato na Tuba** atende crianças acima de 8 anos e adolescentes com formação em Canto Coral. [...] O **Curso de Linguagem Musical** oferta aos cantores do Gato na Tuba o ensino da leitura e escrita musical. Com 15 vagas, o curso prepara para a fase seguinte, ou seja, o aprendizado de instrumentos

de orquestra. [...] A **Orquestra Gato na Tuba** oferta Aulas de Instrumento de Cordas individuais e em grupo, Teoria Musical, Prática de Conjunto, Apreciação e História da Música, Aulas de Piano, além da formação orquestral para 35 alunos. [...] A **Iniciação Musical** oferta aulas de Musicalização em grupo e Iniciação ao Instrumento de Cordas a 40 crianças entre 6 e 8 anos. Além disso, oferta oportunidade do aprendizado da Flauta Doce a 20 alunos acima de 8 anos. (ROQUE, 2020. s/n).

Figura 13 - Foto “Apresentação do Coro Gato na Tuba”



Fonte: Flickr Associação B. São Roque (2019)

Figura 14 - Foto “Apresentação da Orquestra Gato na Tuba”



Fonte: Flickr Associação B. São Roque (2014).

Figura 15 - Foto “Apresentação da Gatinho Turma de Iniciação Musical”



Fonte: Flickr Associação B. São Roque (2018).

3.4 QUADRO DE PROFISSIONAIS

O quadro de profissionais da instituição é formado por três grupos, o primeiro é o grupo que forma diretoria da Associação São Roque, este grupo tem integrantes da Diretoria Executiva, Conselho Administrativo e Conselho Fiscal. Estes fazem o trabalho voluntário e não recebem pelos serviços prestados.

Diretoria Executiva, Conselho Administrativo e Conselho Fiscal.

Diretoria executiva

Presidente

Vice-Presidente

Secretária

Vice- Secretária

Financeira

Vice - Financeira

Diretora de Patrimônio

Diretora Jurídica
CONSELHO ADMINISTRATIVO
Presidente
Secretário
1ª efetiva
2ª efetiva
3ª efetiva
CONSELHO FISCAL
1º efetivo
2º efetivo
3º efetivo
1º Suplente
2º Suplente

FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

O segundo grupo é a equipe que atua na sede em Curitiba, estes são funcionários remunerados com carteira assinada, são responsáveis pela administração, recursos humanos, bazares e acolhimento de doações.

Equipe da Sede
Gerente Administrativa
Auxiliar Administrativo
Assistente Social

FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

E por último a equipe da filial que fica no Guarituba, em Piraquara, com profissionais com carteira assinada e com contrato, são responsáveis pela parte artística que a associação promove, a equipe é dividida em profissionais para o núcleo de música, profissionais do núcleo de literatura, coordenação, auxiliar de

serviços gerais e o motorista que faz a locomoção das crianças que ficam mais distantes do projeto.

Equipe da Filial
Coordenadora dos Programas Culturais
Auxiliar de Serviços Gerais
Motorista
Equipe de Música:
Coordenadora Cultural, Maestrina do Coro Gato na Tuba e professora de Linguagem Musical
Maestro da Orquestra Gato na Tuba e Professor de Violoncelo
Professora de Violino e Viola
Assistente de Regência do Coro, Professora de Teoria, Musicalização e Grupo de flautas
Professora de Violino
Maestrina do Coro Gato na Tuba Juvenil
Professor de Viola e Violino
Equipe da Literatura:
Arte educador responsável pelos projetos Contasonhos e Adora Ser
Auxiliar dos projetos Constasonhos e Adora Ser

FONTE: Site Associação B. São Roque (2020).

3.5 CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS

Os critérios que a São Roque utiliza para crianças e jovens participarem dos seus projetos é estar na idade adequada que cada projeto solicita, participar dos encontros entre instituição e família da criança, ser presente, ter pontualidade, justificar faltas e não ter o máximo de 3 faltas seguidas, além de respeitar a disciplina que se pede nos encontros. Segue algumas orientações aos alunos e ao responsável do aluno.

DISCIPLINA: SE FIZER NECESSÁRIO OS RESPONSÁVEIS SERÃO COMUNICADOS ATRAVÉS DE BILHETE PARA COMPARECER AO PROJETO PARA CONVERSAR SOBRE O COMPORTAMENTO

APRESENTADO PELA CRIANÇA/ADOLESCENTE A FIM DE FIRMAR COMBINADOS E REVER AS NORMAS INTERNAS DO PROJETO. A CRIANÇA/ADOLESCENTE SOMENTE PODERÁ RETORNAR ÀS ATIVIDADES APÓS CONVERSA COM O RESPONSÁVEL.

CONDUTA ADOTADA PELA EQUIPE QUANDO CRIANÇAS/ADOLESCENTES MANTIVEREM POSTURAS INADEQUADAS DENTRO DO PROJETO OU EM ATIVIDADES EXTERNAS:

1. SERÁ AFASTADO (A) DAS ATIVIDADES, PORÉM PERMANECENDO NO LOCAL ONDE ESTÁ SENDO REALIZADA;
2. ENCAMINHAR À COORDENAÇÃO;
3. ADVERTÊNCIA ORAL;
4. PERDA DE BENEFÍCIOS PASSEIOS/APRESENTAÇÃO CORAL;
5. COMUNICAÇÃO AOS PAIS;
6. ADVERTÊNCIA POR ESCRITO;
7. SUSPENSÃO MEDIANTE ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR E EQUIPE;
8. SUSPENSÃO TEMPORÁRIA OU DEFINITIVA DO PROJETO.

ESTA ORDEM PODE SER ALTERADA DEPENDENDO DA GRAVIDADE DA SITUAÇÃO". (ROQUE, 2019, p. 5).

Aqui encontramos o que a instituição busca como contrapartida das famílias e alunos (as). Mais além no trabalho vamos discutir sobre como os participantes veem a disciplina como um fator importante em seu caminho, importante no sentido de como conseguem agir em outros espaços que não na associação e de que modo usar a disciplina fez melhorar algo em sua vida. Vale destacar que não estamos falando de disciplina autoritária, mas sim de contrapartida e regras e normas que foram criadas pela equipe e também pelos participantes.

4 A VISÃO DOS PARTICIPANTES ALUNOS, FAMÍLIA E PROFISSIONAIS.

Neste capítulo trazemos as falas dos sujeitos participantes, familiares e alunos, além da equipe, aqui é onde vamos ver como acontece o trabalho da instituição para com a comunidade e os sujeitos, no decorrer do capítulo vai ser possível ver o impacto de um projeto social nos alunos familiares comunidade e também na equipe profissional, além disso, veremos onde um pedagogo (a) poderia agregar à equipe e realizar seu trabalho. E vamos explicar como foram organizadas e realizadas as entrevistas.

4.1 METODOLOGIA DAS ENTREVISTAS

Para elaboração deste capítulo traremos as impressões da São Roque pelos olhos dos participantes do projeto, separados em três grupos: profissionais, alunos (as) e familiares. Para isto foram realizados questionários e entrevistas com os grupos usando ferramentas mistas: com os professores e professoras, por motivo da pandemia optou-se por realizarmos questionários de forma online, via formulário google. Com Familiares e alunos (as) foi possível fazer entrevistas presenciais graças à Associação São Roque que, aproveitando um momento em que a presença de algumas famílias era necessária, disponibilizou o local com espaço amplo e arejado. As recomendações da saúde foram cumpridas, disponibilizamos álcool gel, e a todo o momento entrevistadores e entrevistados (a) usaram máscara e uma distância de dois metros por pessoa foi cumprida.

Foram elaborados quatro modelos de questionários: para os profissionais o questionário buscou compreender o trabalho pedagógico da equipe, observar como é a visão do aprendizado das crianças e jovens e de que forma percebem a utilização deste conhecimento no contexto onde vivem; com os familiares o questionário teve como intuito observar o que os levam a matricularem suas crianças no projeto e, se e como, aprendem com seus filhos a partir do que eles levam do projeto para casa. Para as crianças e jovens foram elaborados dois modelos de questionário: um modelo para crianças numa faixa etária de 08 á 12 anos e o modelo seguinte foi para os adolescentes/jovens de 13 á 19 anos; o intuito foi olhar o público-alvo e ver como participar do projeto traz conhecimento para além da comunidade onde vivem.

Para realizarmos as entrevistas entregamos um termo de consentimento, ao qual o entrevistado (a) assinou concordando com os procedimentos e a utilização da sua participação. Os menores de 18 anos tiveram sua participação autorizada e assinada pelo responsável, mas prezando pelo respeito e consideração pela opinião das crianças e jovens, além do termo que foi assinado pelo adulto responsável, produzimos um termo voltado para o público infantil e juvenil, no qual explicamos numa abordagem mais acessível aos alunos (as) o que era esta pesquisa, como ela iria ocorrer e esclarecemos que a participação era uma opção dele (a). Os modelos dos termos seguem em anexo neste trabalho e destacamos que este termo

explicativo para as crianças foi elaborado a partir de um do documento de autoria da professora da UFPR Sandra Guimarães, que usamos como referência para elaboração do nosso documento.

Durante a entrevista tomamos cuidados éticos com os entrevistados, explicamos que a entrevista precisaria ser gravada, mas que manteríamos a sua identidade segura; além disso, perguntamos se estava de acordo com a gravação e deixamos o entrevistado livre caso não quisesse responder alguma pergunta ou parar a qualquer momento da gravação caso se sentisse desconfortável.

A pesquisa realizada com as entrevistas tem caráter qualitativo, com intenção de buscar a ampliação das percepções do sujeito que participa dos projetos da instituição. Intencionamos, principalmente, compreender os 3 olhares em relação ao projeto: o olhar dos profissionais que desenvolvem as atividades para o projeto, dos pais que por algum motivo inserem suas crianças/adolescentes no projeto, e principalmente dos alunos, que são os participantes protagonistas deste projeto.

4.2 A VISÃO DOS SUJEITOS, PROFISSIONAIS.

Conseguimos entrevistar nove profissionais da Associação Beneficente São Roque, dentre estes tivemos professores e professoras, representante da diretoria, representante da coordenação da filial da São Roque onde acontecem os programas culturais. Com as perguntas, nosso propósito foi esclarecer como é realizado o trabalho pedagógico, quem são os protagonistas da instituição na visão de quem trabalha na São Roque e compreender quem faz e desenvolve o trabalho pedagógico, já que por mais que a instituição não tenha um pedagogo contratado, alguém realiza esta função mesmo que indiretamente.

Quando perguntado quem são os protagonistas da instituição, as respostas mostram que a equipe entende que os alunos são os protagonistas, mas os dados mostram que além de visar os alunos, a equipe também tem seu espaço de protagonismos. Dos nove entrevistados, três respondem que os protagonistas são alunos e equipe, quatro dizem que os protagonistas são os alunos, um entrevistado coloca a família como protagonista e um diz que os protagonistas são os profissionais da equipe.

Mesmo que os alunos e alunas sejam a maioria vista como os protagonistas, o olhar para quem efetua o trabalho é um ponto importante a ser destacado, quando

um trabalho social pretende conseguir uma transformação esta transformação atinge a todos, os participantes, família e a equipe profissional. A própria instituição diz ao declarar sua Missão: Promover a garantia da convivência familiar e comunitária junto à comunidade em situação de vulnerabilidade social e risco, por meio de práticas cidadãs e ações transformadoras (ROQUE, 2020. s/n)

Por em prática o trabalho e trazer está ações transformadoras é fazer um trabalho que reflita no aluno em sua família, mas também no profissional que vai ser atingido de alguma forma, este profissional também tem o seu protagonismo quando o mesmo é tocado pelo que ensina e aprende. Quando um projeto social é estudado o normal é realçar a transformação do aluno, família e comunidade, mas quem realiza o seu trabalho, independente de ser voluntário ou contratado também tem sua transformação, também aprende e vive a experiência. Um dos entrevistados destaca exatamente isto quando diz quem são os protagonistas e chama atenção para atentar o olhar para quem trabalha em projetos sociais.

“Cada local, pessoa e sociedade tem seu protagonista, quem são os protagonistas da São Roque?”

Se entendermos que o protagonista é aquele que muda a história, eu diria que toda a equipe técnica (professores e coordenadores), e a equipe de suporte administrativo são modificadores de destinos. Mas também penso no número de vezes que um aluno ou um grupo de atendidos tiveram suas falas ouvidas e modificaram planos. E, em quantas vezes o resultado de muitas falas e muitas audições trouxeram resultados e superações maiores do que o pretendido pelas equipes. Então diria que o protagonista é o conjunto.

Cabe aqui também dizer que eu me surpreendo com o número de pesquisas que se propõe a averiguar o resultado real na vida dos atendidos dos projetos sociais. Mas não tenho conhecimento de pesquisas verificando o que acontece na vida dos profissionais que atendem a essa população. Acredito que as transformações acontecem na mesma proporção. O protagonismo, acredito, se amplia e se desenvolve da mesma maneira.” (Profissional Entrevistada 5, 2020 informação verbal).

Isto fica ainda mais claro quando lemos algumas das respostas dos entrevistados onde relatam sobre o impacto do projeto na comunidade e em sua vida.

“Qual o impacto social que o projeto promove na comunidade? E como impactou o projeto em sua vida pessoal?”

Promove um impacto muito grande na comunidade, influenciando todas as famílias atendidas, possibilitando a chance de novas perspectivas de vida. A minha vida pessoal também foi impactada, me possibilitando um amadurecimento e compreensão de outras realidades de vida. (Profissional Entrevistado 6, 2020 informação verbal).

O reconhecimento da comunidade como um espaço em que pode buscar não

só ajuda, mas também de desenvolvimento humano, é o maior impacto. Desde 2012 atuo em projetos sociais, desde então minha vida tem sido transformada todo dia. (Profissional Entrevistada 7, 2020 informação verbal).

O impacto social acredito que seja o de proporcionar novas expectativas, experiências e opções de escolha, mas principalmente o direito das crianças e adolescentes terem acesso a aprendizagem de música e o incentivo ao hábito da leitura. Na minha vida pessoal, a São Roque ocupa uma grande parte do meu coração, do meu tempo, das minhas preocupações, da minha criação, dos meus desafios, da minha vida. Considero fazer do meu trabalho o que amo. (Profissionais Entrevistados 8, 2020 informação verbal).

Quanto a quem realiza o trabalho pedagógico primeiramente perguntamos se há a necessidade de um profissional de pedagogia para trabalhar na instituição, as respostas foram unânimes, todos os entrevistados concordam que seria bom ter um profissional de pedagogia junto à equipe, um dos entrevistados até deu exemplos de que forma um pedagogo (a) poderia contribuir.

“Você vê a necessidade de um profissional de pedagogia para auxiliar na associação?”

Entrevistada Profissional 8: Sim. Acompanhando o desenvolvimento e desempenho das crianças e adolescentes na escola e também, auxiliando no planejamento de aulas/atividades e seus desafios.” (Profissional entrevista 8, informação verbal 2020).

E quem realiza e toma conta desta demanda? Como não há um profissional da pedagogia, a instituição tem uma coordenadora de projetos é ela quem realiza estas funções, é a responsável pelo local dos programas culturais, representa a Associação na rede proteção do município, organiza as reuniões de equipe, familiares e com alunos, qualquer assunto sobre alunos, pais e projeto, professores etc, ela quem resolve, é aqui que pensamos o quanto seria importante um trabalho pedagógico por um profissional da pedagogia, o trabalho realizado na instituição é muito bom, mas acreditamos que o apoio de quem tem formação em pedagogia realizando essas tarefas fortaleceria o trabalho pedagógico. Quem estuda pedagogia tem como objetivo promover cidadania ao sujeito, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia 2006 ratificam isso quando dizem que:

O graduando em Pedagogia trabalha com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada pelo exercício da profissão, fundamentando-se em interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Este repertório deve se constituir por meio de múltiplos olhares, próprios das

ciências, das culturas, das artes, da vida cotidiana, que proporcionam leitura das relações sociais e étnico-raciais, também dos processos educativos por estas desencadeados.

Para a formação do licenciado em Pedagogia é central o conhecimento da escola como uma organização complexa que tem a função social e formativa de promover, com equidade, educação para e na cidadania. (BRASIL, 2006, p. 6).

A Associação vem realizando um trabalho de mais de trinta anos e durante todo esse tempo a São Roque foi ampliando sua atuação, trabalhando hoje com música, literatura, costura e assistência social.

Procuramos respostas na perspectiva dos profissionais com a questão do por que existe um projeto na comunidade do Guarituba, então perguntamos: Hoje para você qual importância dos projetos culturais da instituição que atendem as crianças do Guarituba? Todos relatam a importância da realização do mesmo e reforçam a ideia de que projeto abre novos horizontes e propicia acesso a bens culturais diversos aos sujeitos, que por sua vez tem pouco contato ou até não tem este contato com a arte e formas diferentes de cultura.

Uma entrevistada relata que a importância do projeto está no desenvolvimento que o sujeito vai aflorando durante a sua participação, no entanto o projeto não é somente para as crianças e adolescentes, ele vai além das paredes e muros de onde se ele se localiza, abrangendo um significado de existir e pertencer à comunidade, além de engrandecer a identidade humana da comunidade.

“Hoje para você qual importância dos projetos culturais da instituição que atendem as crianças do Guarituba-PR?”

“A primeira, é o desenvolvimento individual integral de cada criança que vive as experiências artísticas e de aprendizado. Acredito que a vivência intensa da Arte, especialmente da Arte realizada no coletivo, transforma positivamente cada indivíduo, dá a ele o sentido de pertencimento, o coloca em contato com seu interior e o que há de mais humano em si mesmo. Em segundo lugar, acredito que existe uma transformação lenta, gradativa, mas relevante na comunidade, no sentido de que os corpos culturais presentes no projeto, coro, orquestra, biblioteca, oficinas, o teatro, tudo isso dignifica o bairro dando-lhe uma identidade mais humana.” (Profissional Entrevistada 5, informação verbal, 2020).

Neste sentido também perguntamos: **Qual a importância de ter um projeto social que trabalhe com Música e Literatura na comunidade do Guarituba?** Mais uma vez é destacado a importância de oportunizar algo que é caro a esta comunidade, isto nos mostra que o poder da arte está entrelaçado ao aprender, desenvolver, criar e permite sonhar, dá ao sujeito um tanto do que lhe falta.

“Qual a importância de ter um projeto social que trabalhe com Música e

Literatura na comunidade do Guarituba?

A oportunidade que eles têm de ver o mundo com novas perspectivas. (Profissional Entrevistada 1, informação verbal, 2020).

Mostrar o belo através da disciplina, rotina, hábitos. (Profissional Entrevistada 2, informação verbal, 2020).

Estamos trabalhando a linguagem de duas maneiras, estimulando a percepção na escrita e na audição. Ampliando conhecimento. (Profissional Entrevistada 3, informação verbal, 2020).

Acho que é dar oportunidade a tantas crianças e adolescentes para aprender algo novo e desta forma abrir a cabeça para novas oportunidades. (Profissional Entrevistada 4, informação verbal, 2020).

O Guarituba, para mim, é um local que tem um perfil de apreciação do palco. As artes performáticas são atraentes. Isso não é tão comum. O bairro possui muitas igrejas, o canto e o tocar instrumentos são valorizados nessas comunidades religiosas. É motivo de orgulho cantar e tocar. Acredito que a Literatura tem ainda mais abrangência pois lida com a capacidade de pensar e de colocar em palavras os pensamentos, organiza, lida com conhecimentos. É um bairro onde as escolas não oferecem este espaço, mas ali no projeto ele existe. Eu acredito que a arte é importante, necessária e indispensável em qualquer lugar e em qualquer contexto, por acreditar que ela nos traz novas visões de mundo, autonomia, autoestima, compreensão de mundo, pertencimento e entendimento do nosso papel enquanto cidadão e ser humano. (Profissional Entrevistada 5, informação verbal, 2020).

Eu acredito que a arte é importante, necessária e indispensável em qualquer lugar e em qualquer contexto, por acreditar que ela nos traz novas visões de mundo, autonomia, autoestima, compreensão de mundo, pertencimento e entendimento do nosso papel quanto cidadão e ser humano. (Profissional Entrevistado 6, informação verbal, 2020).

Acesso, para mim, tornar a cultura acessível é o maior alvo. (Profissional Entrevistada 7, informação verbal, 2020).

Como nossa regente T. diz “Acreditamos que fazer arte, criar, se expressar e viver num ambiente rico em cultura, estimula e impulsiona o desenvolvimento individual e coletivo, aprofunda os relacionamentos, o sentimento de pertencimento e comunidade, e aproxima o ser humano do que existe dentro de si.” Música e literatura alimentam a alma. (Profissionais Entrevistados 8, informação verbal, 2020).

A importância não pode ser mensurada. Ela está transformando o paradigma de toda uma comunidade para melhor. (Profissional Entrevistado 9, informação verbal, 2020).

Fica evidente que o trabalho que a instituição vem promovendo tem um potencial de transformação, hoje há mães que costuram, alunos que contam e fazem histórias, cantam e tocam instrumentos. Trabalhar na área social e educativa no Terceiro Setor é isto, ser um dos pilares para transformar, criar e resultar. Este trabalho com o sujeito, que pretende desenvolver, criar, imaginar, dar suporte,

realizar transformar, etc, é um espaço para pedagogia, é um lugar onde quem é desta área pode ter oportunidade de agregar seus conhecimentos, que são tanto para uma educação formal quanto para um espaço de educação não formal, pois ser pedagogo (a) é ser um pesquisador do desenvolvimento humano, da sociedade, além elaborar práticas de aprendizagem atuar em sala aula, gestão, organização do espaço e avaliação.

A pedagogia está entrelaçada e ensinar e aprender, então, mais do que justo que tenhamos pedagogos e pedagogas em espaços que tem como objetivo realizar sonhos e desenvolver um conhecimento para a liberdade cidadã, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia 2006.

O propósito dos estudos destes campos é nortear a observação, análise, execução e avaliação do ato docente e de suas repercussões ou não em aprendizagens, bem como orientar práticas de gestão de processos educativos escolares e não-escolares, além da organização, funcionamento e avaliação de sistemas e de estabelecimentos de ensino. [...] Enfatiza-se a premência de que o curso de Pedagogia forme licenciados cada vez mais sensíveis às solicitações da vida cotidiana e da sociedade, profissionais que, em um processo de trabalho didático-pedagógico mais abrangente, possam conceber, com autonomia e competência, alternativas de execução para atender, com rigor, às finalidades e organização da Escola Básica, dos sistemas de ensino e de processos educativos não-escolares, produzindo e construindo novos conhecimentos, que contribuam para a formação de cidadãos, (BRASIL, 2006, p. 6 e 16).

O documento ainda afirma que o profissional de pedagogia tem competência para atuar na área não escolar, em outras palavras, área social quando fala.

Sendo a docência a base da formação oferecida, os seus egressos recebem o grau de Licenciados(as) em Pedagogia, com o qual fazem jus a atuar como docentes na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e em disciplinas pedagógicas dos cursos de nível médio, na modalidade Normal e de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras em que disciplinas pedagógicas estejam previstas, no planejamento, execução e avaliação de programas e projetos pedagógicos em sistemas e unidades de ensino, e em ambientes não-escolares. (BRASIL, 2006, p. 10).

O trabalho realizado pela São Roque e sua equipe é um diferencial, aqui estamos conhecendo uma história de mais de 30 anos que vem crescendo e transformando vidas e realizando sonhos, o comprometimento da equipe em realizar o seu melhor faz com que a comunidade queira fazer parte desta transformação. Mesmo sem um pedagogo (a) em sua equipe o trabalho pedagógico acontece. Além disso, acreditar no trabalho faz total diferença, dar o acesso à arte e criar junto é um dos maiores legados da instituição e de seus participantes, é dar a quem não possui

o mínimo que a sociedade precisa, ressignificar o trabalho e garantir o direito ao acesso à arte para os sujeitos que moram na comunidade.

4.3 A VISÃO DOS SUJEITOS, PAIS E RESPONSÁVEIS.

Ao buscar compreender o motivo pelo qual os pais e mães da comunidade procuram o projeto para colocar seus filhos para participarem, tivemos o prazer de conversar diretamente com alguns responsáveis de alunos e alunas que facilitaram a nossa compreensão e nos oportunizaram este olhar. Trazemos agora alguns recortes das entrevistas realizadas com as famílias dos alunos participantes dos projetos.

Quando perguntado aos responsáveis como conheceram o trabalho da São Roque, aquele velho ditado do boca-a-boca cai bem aqui, pois entre os seis responsáveis dos alunos que entrevistamos, cinco disseram que foi por indicação de uma amiga, vizinho ou conhecido, apenas uma entrevistada diz que foi durante uma reportagem na televisão que falava sobre a São Roque.

Já as respostas referentes ao porquê matricularam seus filhos no projeto, uma mãe faz um relato curioso de que ela não matriculou sua filha e que foi a própria filha que se deu o trabalho de se matricular.

Na verdade não matriculei a T., ela mesma se matriculou. A amiga dela vinha, ela veio aqui e pediu para se matricular, aí eu só vim assinar depois. A mãe da amiga dela veio aqui conversar para ela vir porque eu trabalhava direto e aí só vim assinar. (Familiar entrevistada 3, informação verbal, 2020).

Outras duas mães, dizem que procuram com que seus filhos (a) tenham auxílio no que precisam, uma delas relata que matriculou sua filha para a mesma se socializar: “Eu matriculei por que eu tinha boas informações sobre o projeto e eu sempre tento colocar ela em lugares que possa conviver com mais pessoas, onde possam fazer atividades que eu sei que vai ajudar ela se socializar.” (Familiar entrevistada 6, informação verbal, 2020).

A outra fala, que o apoio que precisava foi na São Roque que encontrou: “Eu gostava muito do projeto né, sempre ouvia falar desde o começo né, e ela precisava de um apoio e aqui ela encontrou esse apoio, muito bom esse projeto gosto muito daqui.” (Familiar do aluno (a) 2, informação verbal 2020).

Os demais responsáveis falam sobre a criança ter algo pra fazer, ocupar a cabeça e ficar menos na rua e o quanto o projeto é bom.

Também procuramos entender se o projeto contribui com a educação escolar das crianças, e o que chama atenção em algumas respostas é que os familiares relatam mudanças na disciplina que as crianças estão apresentando.

“O projeto contribuiu de alguma forma com a educação escolar da criança-adolescente?”

Contribuiu por que eu vi assim na E., que ela não ia fluir, ela não ia para frente, que ela é meio “avoadinha”, mas ela não ia, ela tem preguiça de ler preguiça de escrever e depois que ela entrou no projeto já não, ela lê mais, ela conversa mais, ela escreve mais, ela presta mais atenção no estudo, ela pergunta mais coisas, então o projeto deu uma ajuda bem mais na E. do que na J. (Familiar entrevistada 1, informação verbal, 2020).

Ajuda na educação e disciplina na desenvoltura dela já é o suficiente. (Familiar entrevistada 2, informação verbal, 2020).

Sim, porque é uma coisa que puxa a outra e ela tem que estudar. (Familiar entrevistada 3, informação verbal, 2020).

Contribui em vários aspectos tipo concentrações, disciplina, trabalhos em grupos. (Familiar entrevistada 4, informação verbal, 2020).

Ajuda muito com toda essa pandemia, elas estão aplicadas em fazer as tarefas, elas pegaram uma responsabilidade, elas pegaram algo que poucas crianças tiveram a oportunidade e eu sou grato por elas terem isso. (Familiar entrevistado 5, informação verbal, 2020).

Ajudou bastante, na leitura na escola ele não sabia muito, mas aqui no projeto fazendo as aulas, ele se desenvolveu bastante. (Familiar entrevistada 6, informação verbal, 2020).

Contribuiu sim, precisa de mais tudo isso, é bom, mais ainda é pouco, tem bastante gente que quer colocar as crianças no projeto, porque sabe que aqui é um lugar bom que as crianças vão aprender. (Familiar entrevistada 7, informação verbal, 2020).

Aqui no bairro tem bastante crianças nas ruas que não tem uma disciplina e aqui no projeto eles se envolvem, eles interagem com as coisas, criam interesse, uma rotina para vida deles. (Familiar entrevistada 8, informação verbal, 2020).

O fato de muitos familiares destacarem perceber um aumento na disciplina das crianças chama a atenção. O trabalho realizado na Associação não é obrigatório, e quem está ali participando está porque quer, ou porque a família quer. O destaque dado aos familiares sobre a ideia de que as crianças e jovens estão tendo mais disciplina em outras áreas da vida, como a escola, depois do projeto é interessante, pois a instituição trabalha com a ideia de disciplina, mas não de uma forma tradicional. Algumas das regras e normas foram criadas através dos anos de prática pelos educadores, mas existe uma preocupação com a participação ativa e

responsável das crianças, mesmo nas questões disciplinares. Entendendo que a disciplina é uma necessidade para realizar um bom trabalho, seja ele qual for, inclusive trabalhos no campo da arte, nos parece que na Associação as crianças aprendem mais sobre como se organizar, se comprometer e se dedicar a um objetivo de maneira não autoritária. Existe uma espécie de conselho de alunos, onde alguns são representantes das turmas, este conselho é organizado e coordenado pela coordenadora do projeto e foi ela quem teve a ideia de criar o conselho, mas as decisões de algumas coisas são levantadas e deliberadas pelo conselho.

A percepção dos responsáveis ao relatarem que as crianças estão “tendo disciplina” nos surpreendeu muito, principalmente por eles perceberem existir esse comprometimento das crianças em um período que não está sendo fácil, pois estas entrevistas foram realizadas no período pandêmico, com as crianças em casa maior parte do tempo. O covid-19 está abalando a educação e o mundo, é um momento no qual ter disciplina, ou melhor dizendo, conseguir se organizar e fazer algo está sendo bem desafiador para todos os estudantes. Esses relatos só mostram que o trabalho desenvolvido atravessa as paredes e muros do projeto, chegando nas casas, na escola/educação e na comunidade.

Neste sentido procuramos saber como os responsáveis enxergam a contribuição da instituição em sua casa e na comunidade, quando perguntado: O que o projeto impactou na casa de vocês? A totalidade das respostas foi em direção a dizer que o impacto foi pra melhor ajudando no convívio, na autonomia com os estudos, além de citarem também o impacto material do alimento que a instituição distribuiu neste período de pandemia, tanto para as famílias do programa Alcance e para as famílias dos alunos (as) dos programas culturais.

Também é citado o envolvimento que a criança/jovem consegue realizar em casa envolvendo a todos nos objetivos do projeto. Ao responder à questão “Com o projeto houve impacto na casa de vocês?” Obtivemos respostas como a seguinte: “Totalmente! Com a T. na música a família inteira se envolve em tudo o que ela vai fazer e incentivando ela sempre”. (Familiar Entrevistada 3, p. 5, 2020).

Um pai entrevistado trouxe um depoimento marcado pela emoção - no momento da entrevista ele se emocionou e nos emocionou também, falando:

Ah! Você não tem dimensão... eu como pai né, vejo um projeto crescendo, vejo crescimento nelas tocando violino, flauta participando do teatro, para gente isso é muito emocionante.” (Familiar Entrevistada 5, informação verbal, 2020).

Ao serem perguntados sobre a contribuição da instituição com a comunidade, os responsáveis dizem que tais contribuições vão desde ajuda na leitura, a tirar crianças das ruas a dar oportunidade e acesso à cultura. Uma entrevistada transmite tudo isso quando fala da falta de acesso aos bens culturais sofridos pela comunidade e como é importante o trabalho da instituição no bairro.

“Oportunidade até para quem é de fora quando tem apresentação de ver um mundo diferente né, porque quem mora aqui dificilmente vai até o centro de Curitiba, é difícil as pessoas saírem daqui para ir até o centro, então quando tem uma apresentação aqui, ele acabam vindo ver um outro mundo, uma outra forma de ver o mundo que eles não teriam oportunidade se não estivesse aqui e acesso a cultura.” (Familiar entrevistada 3, informação verbal, 2020).

E por fim deixamos durante a entrevista um momento onde os entrevistados (as) poderiam se expressar voluntariamente sobre qualquer coisa que não colocamos nas questões da entrevista. Trazemos aqui o relato de uma mãe que resume tudo que a Associação Beneficente São Roque significa para ela, e sobre a importância de existir espaços de aprendizagem em espaços não escolares.

“Gostaria de compartilhar algo que não tinha na entrevista?”

Única coisa que eu queira dizer da São Roque que continue aqui no Guarituba que não saia daqui, que os professores continuem os mesmo, comentei uma vez com meu marido falando como o São Roque mudou o Guarituba as crianças e adolescentes, mudou até o jeito de conversar e uma coisa que nós não esperava, nós pensávamos que o São Roque fosse ajudar os mais pobres, mais ajudou o Guarituba inteiro.” (Familiar Entrevistada 1, informação verbal, 2020).

4.4 A VISÃO DOS VERDADEIROS PROTAGONISTAS DOS PROJETOS: AS CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS.

Sabemos que a educação formal infelizmente sempre foi/é muito influenciada pelo tradicional sistema de controle e disciplinarização na intenção de reproduzir os chamados por Foucault (1999) de corpos “dóceis”. Na educação formal é explícito a necessidade e ao mesmo tempo o desespero dos profissionais que apelam cada vez mais para o processo de disciplinarização dos alunos de forma autoritária, ou até mesmo de uma forma sensível e humana, as quais, normalmente vêm acompanhadas de discursos do tipo “sem a disciplina do corpo, não se é possível alcançar a disciplina da mente”, que sempre ouvimos quando pequenos. No entanto, esta disciplina que tanto se deseja dentro da escola, muitas das vezes vem

incompleta, é coordenada de cima para baixo, sem a participação das crianças, que sem compreender o sentido de muitas regras e impeditivos, apenas obedecem aquilo que foi lhe proposto. Os educandos enquanto jovens, em sua grande maioria se percebem desafiados a quebrar as regras relacionadas a disciplina da escola, e se colocam a quebrá-las, na intenção de desafiar aquilo que os limita, fazendo da escola um espaço no qual existe um ciclo de vigilância para o cumprimento da disciplina, e uma busca por brechas com a ausência desta, para realizar aquilo que não pode ser realizado aos olhos daqueles que os vigiam. Foucault (1999) nos apresenta de forma breve a ideia em relação a estratégia que envolve a disciplina;

Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1999, p.165).

Compreende-se que a estratégia disciplinar é necessária para consequentemente controlar o indivíduo enquanto corpo e mente. É um exercício de repressão diária por parte daqueles que almejam manter o controle, o qual gera um indivíduo oprimido, e em muitas das vezes alienado.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação de intervalos que se pode percorrer sucessiva. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para as transformações dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas o distribui e os faz circular em uma rede de relações. (FOUCAULT, 2002, p. 125)

A educação formal muitas vezes possui uma capacidade de fazer com que os educandos sintam-se apenas corpos que precisam ser disciplinados para o convívio em sociedade, a escola em si, tem o papel de organizar a "distribuição" (FOUCAULT, 2002) destes indivíduos porém na maioria das vezes, neste processo não há uma valorização destes corpos no intuito de se desenvolver pessoas emancipadas, mas sim, na intenção de dar continuidade no ciclo, onde existe dois grupos, aqueles corpos que dominam, e aqueles corpos que são dominados.

E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir

materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. (FOUCAULT, 1999; p.173).

A Associação São Roque, no desenvolvimento da educação não escolar, por sua vez, trabalha com princípios diferentes em relação à ideia de disciplinar esses corpos. A ideia de disciplina apresentada pela associação não está ligada à repressão dos educandos, mas sim na construção em coletivo de condições favoráveis ao desenvolvimento dos mesmos, nas quais os protagonistas são seus próprios participantes. Há uma construção coletiva das regras e do cumprimento delas, nada vem imposto de forma autoritária, ou seja, são os próprios participantes que garantem e debatem o que se tornará uma regra e o motivo pelo qual será considerada assim. Quando questionamos a uma das alunas entrevistada se a associação ajuda em seu desenvolvimento escolar, a mesma respondeu:

Me ajuda bastante principalmente na parte de ter muita paciência, são coisas que eu aprendi a ter porque dentro da escola é uma coisa, aqui no projeto e bem diferente, na escola a gente tem que seguir regras aqui também só que aqui nós aprendemos a seguir regras e na escola nós quebramos totalmente. (Aluna entrevistada 1, informação verbal, 2020).

Já nossa entrevistada 2, nos deu a seguinte resposta, quando a questionamos, qual era o seu momento preferido dentro do projeto:

O melhor momento é quando ficamos em roda dialogando sobre assuntos específicos, quando várias pessoas dão sua opinião sobre o assunto e daí a gente consegue absorver e até nos faz mudar de opinião. (Aluna entrevistada 2, informação verbal, 2020).

Outros (as) entrevistados (as) também apresentaram respostas parecidas:

“O melhor momento é quando estou sentada conversando com meus professores e colegas, porque eu acho que trocar experiências principalmente as pessoas mais velhas é muito bom porque você ganha experiência e isso acaba te ajudando lá na frente.” (Aluna entrevistada 01, informação verbal, 2020).

“Quando estamos todos juntos” (Aluna entrevistada 09, informação verbal, 2020)

“Ficar com meus amigos e professores” (Aluna entrevistada 10, informação verbal, 2020)

“O momento que estou junto com meus colegas” (Aluna entrevistada 12, informação verbal, 2020)

“Quando ficamos em roda para falar sobre os livros que a gente pega para levar para a casa para ler”. (Aluna entrevistada 14, informação verbal 2020).

As respostas acima, nos fazem viajar e imaginar a forma como ocorrem as discussões em grupo dentro do projeto, onde todos possuem voz e todos também se tornam bons ouvintes uns dos outros. Com as respostas, podemos imaginar também que as regras do espaço foram determinadas neste mesmo modelo, onde todos puderam colocar sua opinião e participar de forma ativa na construção das mesmas. E levando em consideração que o projeto é repleto de atividades recreativas e culturais, mesmo assim os entrevistados colocam como sua parte preferida o momento de conversação em grupo, pois se sentem visíveis nestes momentos, diferente do espaço escolar.

A associação leva a estas crianças, adolescentes, jovens e familiares, o seu principal e talvez único contato com diferentes formas de cultura às quais já tiveram oportunidade de acesso, levando em conta que o grupo é composto, em sua maioria, por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, ou seja, com baixas oportunidades de acesso à arte e a cultura. Salientamos agora, através de Bourdieu (1989) sua ideia na forma em que as famílias proporcionam o capital cultural aos seus filhos (as) e descendentes;

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. (BOURDIEU, 1989, p. 5).

No geral sabemos que o capital cultural é sim, sinônimo de poder, e quanto mais capital cultural um indivíduo possui, maiores oportunidades de conhecimentos e poder ele tem, no entanto sabemos que o capital cultural é algo que vem em grande parte do contato com a família, ou seja, se uma família possui capital cultural, conseqüentemente seus filhos também terão, no entanto as famílias que possuem pouco acesso aos bens culturais, ficam limitadas o oportunizá-los aos seus filhos. Neste sentido, acreditamos que a associação trabalha arduamente para levar aos participantes o máximo possível de oportunidade de enriquecimento de seu capital cultural.

E vejamos agora algumas respostas dadas pelos entrevistados, quando questionamos sobre o que pensavam deste contato com a cultura que a São Roque os proporciona:

“Muda tudo porque você tem novas experiências, porque na escola você conhece a cultura de um jeito, com o projeto você conhece totalmente de

outro, a gente vai a lugares conhece museus, teatros entre outros, então faz muita diferença na vida das pessoas, ter cultura e saber o que é cultura. (Aluna entrevistada 1, informação verbal, 2020).

Bastante. A leitura muda a vida das pessoas, ajuda muito a crescer e amadurecer a cabeça, muitas coisas...a literatura pode elevar a gente. [...] Para evitar que as pessoas sigam caminhos ruins. (Aluna entrevistada 3, informação verbal, 2020).

Muda bastante, tem adolescentes que estão passando por depressão, crianças e adolescentes que foram abusados, eles leem um livro e nesse livro eles veem que tem que contar, que não precisa se esconder. [...] Isso contribui bastante em questão de aprendizado e conhecimentos com as crianças e adolescentes que vêm participar do projeto, é um acesso que não é muito fácil de conquistar, tipo assim, uma aula de violoncelo e muito caro, aqui no projeto nós temos essas aulas de graça, igual a aluna T. ela se formou em violoncelo, tudo com a ajuda do projeto, eles ajudam também na alimentação doando cestas para as família que precisam. (Aluno entrevistado 4, informação verbal, 2020).

Sim, importante para todos principalmente nessa região onde nós moramos, porque se não fosse a São Roque a gente viveria um mundo muito pequeno e quando as crianças entram para a São Roque ela vê várias possibilidades. [...] O projeto me deu toda base musical que eu precisava para participar da oficina de música que eu estou participando diariamente fora do projeto e também para entrar na faculdade. Tudo o que eu aprendi aqui eu uso na faculdade. (Aluna entrevistada 6, informação verbal, 2020).

Muda porque a música toca a gente de um jeito que ninguém consegue explicar, é tão lindo de sentir, você se sente nas nuvens. (Aluna entrevistada 7, informação verbal, 2020).

Sim bastante, porque eu sempre quis tocar violino e eu não fazia nada em casa, isso mudou bastante minha vida, minha rotina, muito bom estar presente. (Aluna entrevistada 8, informação verbal, 2020).

Sim porque aqui nós saímos para cantar em outros lugares. (Aluno entrevistado 11, informação verbal, 2020).

Sim... eu leio livro, em casa leio muito com a "M" minha prima." (Aluna entrevistada 13, informação verbal, 2020).

A resposta da entrevistada 06, que atualmente está cursando a faculdade de música, nos leva a fazer um novo paralelo com a colocação de Bourdieu (1989), na qual diz;

vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta que ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àquelas de um jovem da camada média. (BOURDIEU, 1989, p.5).

A associação São Roque oportuniza às crianças e adolescentes um olhar para horizontes pelos quais estes dificilmente teriam expectativas, isto pelo fato de

que, sem os projetos, raramente estas crianças e adolescentes teriam acesso às oportunidades que possuem hoje. Ao conversar com eles, percebe-se indivíduos livres, com autonomia de pensamentos, e com muitos sonhos a serem realizados, os quais a associação luta para que cada participante possa se tornar real. Cursar uma faculdade, por exemplo, é algo que desafia as estatísticas quando falamos de crianças e adolescentes de vulnerabilidade social, habitantes de um bairro carente como o Guarituba, onde a Associação está inserida, ou seja, a entrevistada 6, superou esta estatística, da mesma forma que muitos outros irão superar, com a ajuda do trabalho desenvolvido pela associação no bairro.

A associação também oportuniza que os indivíduos defendam suas identidades, sem críticas, e sempre com muito respeito pelo próximo, como a entrevistada 7 pontua;

“Amo isso aqui, é minha vida porque aqui é onde me sinto a vontade de verdade, eu posso ser eu mesma sem ninguém me criticando e me apontando o dedo.” (Aluna entrevistada 7, informação verbal, 2020).

E além de todas as considerações já citadas pelos entrevistados no decorrer destes trechos, não poderíamos deixar de citar o quão importante a associação se tornou para o sonho de seus participantes, em uma das perguntas, questionamos se possuíam algum sonho, e eles nos responderam:

“Meu maior sonho nesse momento, é começar e terminar a faculdade. (Aluna entrevistada 1, informação verbal, 2020).

Tenho o sonho de me tornar uma profissional bem sucedida e conhecida. (Aluna entrevistada 2, informação verbal, 2020).

Hoje em dia não, eu tenho um filho só penso o melhor pra ele. (Aluna entrevistada 3, informação verbal, 2020).

Ser médica cirurgiã. (Aluna entrevistada 4, informação verbal, 2020).

Meu sonho é ser bailarina e cozinheira. (Aluna entrevistada 5, informação verbal, 2020).

Meu sonho é morar fora do país vivendo de música. (Aluna entrevistada 6, informação verbal, 2020).

Meu sonho é ser médica, e continuar, e trabalhar aqui. (Aluna entrevistada 7, informação verbal, 2020).

Sim, eu quero ser violinista. (Aluna entrevistada 8, informação verbal, 2020).

Sim ser bombeira. (Aluna entrevistada 9, informação verbal, 2020).

Sim ir tocar violino fora. (Aluno entrevistado 10, informação verbal, 2020).

No momento não. (Aluna entrevistada 11, informação verbal, 2020).

Meu sonho é tocar violino no palco. (Aluna entrevistada 12, informação verbal, 2020).

Sim ser dançarina." (Aluna entrevistada 13, informação verbal, 2020).

Meu sonho é ser enfermeira. (Aluna entrevistada 14, informação verbal, 2020).

E com estes relatos fechamos a apresentação das entrevistas realizadas com 14 crianças e adolescentes participantes dos projetos na Associação São Roque, os quais, consideramos e nomeamos dentro deste trabalho como os principais protagonistas de todo este trabalho desenvolvido pela associação São Roque, a qual continua a dar asas aos sonhos de seus participantes, os impulsionando a seguir muito além do que o Estado espera destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Terceiro Setor surgiu para suprir uma parcela das demandas da sociedade, parcela esta que o Primeiro e o segundo Setor não dão conta por inúmeros fatores como já citados, e com isso surgem novas maneiras de acesso às soluções não encontradas pelo Estado. A educação não formal também faz parte deste setor e com isto a pedagogia e seus profissionais tem uma outra área de atuação para além da escola. Novos horizontes aos pedagogos e pedagogas são avistados, e aqueles que não se identificam com o ensino formal tem a oportunidade de mostrar que a pedagogia por sua função social deve estar também em lugares educacionais não formais.

Assim como o Terceiro Setor traz uma luta por direitos do cidadão, a pedagogia tem em sua história de lutas marcadas por sua profissionalização e direitos, tornando estes profissionais atuantes na sociedade. Para além da escola, a pedagogia pode ser encontrada em outros ambientes, sem esquecer que quem se forma em pedagogia deve ser um pesquisador (a), pois é com espírito crítico e investigativo que encontramos um caminho diferente para as transformações. Um caminho cheio de desafios, mas que temos a competência de trilhar realizando um trabalho significativo.

Este estudo surgiu com objetivo de abordar o trabalho pedagógico não escolar em um projeto social, buscando entender qual função deste tipo de trabalho educativo. O trabalho nos fez pensar sobre quem somos, uma vez que a Associação analisada não tem um profissional pedagogo, mas tem trabalho educativo e espaço para a experiência de um pedagogo ou pedagoga.

Quem são os pedagogos do futuro? Pois bem, hoje já é possível ver pedagogos atuando na área social, saúde, tecnologia entre outras e os pedagogos (as) do futuro são aqueles que estão contribuindo com a sociedade em vários ambientes. Ainda é preciso muita luta para que o reconhecimento desta classe seja melhor estabelecido, a pedagogia de hoje já é um grande avanço da de 20, 30 anos atrás, isso se deu claro a quem lutou por melhorias, direitos e lugares de atuação e vontade de trabalhar em espaços nos quais a pedagogia se faz essencial para um trabalho competente e ético.

Este estudo também sinaliza a vontade de quem deseja fazer pedagogia em ambiente não escolar, reconhecendo que na grade curricular do curso falta espaço para modelos de pedagogia nesta área. O desejo é que futuramente isso seja abrangido para outras áreas pedagógicas, e que a pedagogia possa estar presente em diversas áreas, dando suporte, criando, inovando e transformando.

A educação, independente de onde ela aconteça, sempre será um ato político. A educação que temos hoje, com a escolarização, é fruto que colhemos de uma sequência de lutas para alcançar este direito, então, o presente trabalho não tem a intenção de confrontar a educação desenvolvida no ambiente escolar com a que é desenvolvida fora dele, mas tem o intuito de mostrar que ambas são necessárias para o desenvolvimento humano, e mostrar que apesar de todos os pontos mostrados, ambas ainda enfrentam grandes desafios.

Entendemos que educação formal muitas vezes nos coloca na sociedade como um fragmento, objetivando nos ensinar a ocupar determinados lugares e nos adaptar ao sistema da forma que ele já vem organizado, já a educação não-formal nos coloca na sociedade como chave para o desenrolar de nosso papel e permite as transformações necessárias para um mundo melhor.

Enfim, com o desenvolvimento da pesquisa, pudemos notar e principalmente

acreditar ainda mais no papel da educação não-formal e da arte educação, a qual hoje vem ganhando atenção de inúmeros pesquisadores. Analisar o trabalho que é desenvolvido na Associação São Roque, pelos profissionais e pelos alunos, nos deixa de corações aquecidos, ao notar a amplitude que este trabalho ganha junto aos educandos, a transformação que ele desenvolve em todos que por ali passam. Sentimos que a educação formal jamais conseguiria sozinha tocar onde a educação não-formal pela arte e literatura conseguiu. Acreditamos que a educação não-formal é a uma extensão do trabalho desenvolvido pela formal, uma extensão no sentido de que ela não se limita, ela tem o poder de estender ainda mais o conhecimento do indivíduo, e o mais importante para este trabalho, é saber que nós, enquanto futuros pedagogos e pedagogas podemos fazer parte disto tudo independentemente se ela acontece dentro da escola, ou fora dela.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Laurinda. O Papel das Misericórdias dos “Lugares de além-mar” na Formação do Império Português. Évora: Editora Universidade de Évora, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: a desigualdades frente à escola e à cultura. *Educ. Rev.*, Belo Horizonte (10): 3-15, dez. 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*. México: Siglo Veinteuno, 1997.
- COELHO, Simone. *Terceiro Setor: um estudo comparado entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: SENAC. 2000.
- CULTURA, Lei de Incentivo à Cultura. **Secretaria Especial da Cultura**. Brasil. 2020. Disponível em: <<http://leideincentivoacultura.cultura.gov.br/o-que-e/>>. Acesso em: 02 outubro. 2020
- FALCONER, Andrés. *A promessa do Terceiro Setor: um estudo sobre a construção do papel das organizações sem fins lucrativos e do seu campo de gestão*. Tese de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo. 1999.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999
- FRANCISCANOS, Falecimento de Frei Rui Guido Depiné em Bragança Paulista. Bragança Paulista. 2020. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/noticias/falece-frei-rui-depine-em-braganca-paulista.html#gsc.tab=0>>. Acesso em: 18 julho. 2020
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos Professores. In: Professora sim, Tia não. *Cartas a Quem Ousa Ensinar*. Editora: Olho D’Água, 10ª ed. São Paulo: 1993.
- GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- GAMARNIKOW, Eva. Educação, (in)justiça social e direitos humanos: combatendo desigualdades na globalização turbocapitalista. Tradução de Jeffrey Hoff. Revisão técnica de Antonio Flavio Barbosa Moreira. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 52, jan.-mar. 2013, p. 193.
- GOHN, Maria Glória, *500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e Terceiro setor*, Londrina: Rev Mediações, 2000.
- LESTER, Salamon. Salamon avalia os quatro desafios do terceiro setor e propõe mais um. **GIFE**, Brasil, 07 outubro. 2002. Disponível em: <<https://gife.org.br/salamon-avalia-os-quatro-desafios-do-terceiro-setor-e-propoe-mais-um/>>. Acesso: 26 maio. 2020
- MONTAÑO, C. Terceiro setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez, 2002.
- NASCIMENTO, José Elimar do. Movimentos sociais e educação popular. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE SERVIÇO SOCIAL. *Cadernos Abess: Educação Popular*. São Paulo: Cortez, 1988. Ano IX, n.2, out., p. 29-43

POTIGUAR, Universidade. Organização do Terceiro Setor. Rio grande do Norte. Natal, 2012

RESENDE, Narley. Piraquara é a cidade mais mortal do Paraná. **Paraná Portal Uol**, Paraná, 06 junho. 2017. Disponível em:

<<https://paranaportal.uol.com.br/cidades/piraquara-e-a-cidade-mais-mortal-do-parana/>>. Acesso: 22 agosto. 2020

ROQUE, Associação Beneficente São. Regulamento de Participação 2019: Associação Beneficente São Roque. Piraquara, 2019

ROQUE, Associação Beneficente São. **Som das Águas**. Piraquara 13 set. 2020. Facebook: Associação Beneficente São Roque. Disponível em:

<https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=3594206260613791&id=106646159369836> Acesso 05 outubro. 2020

TESSEROLLI, Ana. Atlas geográfico município de Piraquara. Piraquara: Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008.

SANTOS, Suely Xavier. Organização do Terceiro Setor. (Universidade Potiguar), p.148, 2012.

STRECK, R. D. A Educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 11, n. 32, p.272-284, 2006.

ZUCCHETTI, Dinora T.; MOURA, Eliana. Educação no campo social: uma prática que se constrói pela experiência de (Trans)formação?. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), 2016 b.

ZUCCHETTI, Dinora T.; MOURA, Eliana. Educação além da escola: acolhida a outros saberes. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 40, p. 338, 2010 b.

Entrevistada 1, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 2, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 3, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 4, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 5, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico.

Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistado 6, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 7, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistada 8, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Entrevistado 9, Profissional. Entrevista com profissionais. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Questionário Eletrônico. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 25/11/2020

Familiar 1, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 2, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 3, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada.

Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 4, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 5, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 6, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020.

Familiar 7, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Familiar 8, Responsável. Entrevista familiar responsável. [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 1, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 2, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 3, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 4, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 5, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 6, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 7, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 8, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 9, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistado 10, Aluno. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 11, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 12, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 13, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

Entrevistada 14, Aluna. Entrevista de Alunos (as). [Entrevista cedida a] Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia. Entrevista Presencial Gravada. Entrevista concedida para pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Piraquara. 20/11/2020

ANEXOS**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadores responsáveis as (os) alunas(os) de graduação Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, que podem ser contatado pelos e-mail guikewinc@gmail.com ou taliagr2016@gmail.com

Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com profissionais, Alunos, Familiares responsáveis que atuam em espaços educacionais não escolares, visando, por parte dos referidas alunas a realização de um Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Prof^a Dr^a Andréa Cordeiro, do Setor de Educação da UFPR

Minha participação consistirá em conceder uma entrevista. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade se assim eu desejar. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Curitiba, ____ de _____ de 2020.



Entrevista Profissionais

- 01. Nome respostas**
- 02. Profissão/Função que atua Instituição São Roque**
- 03. Quanto tempo trabalha na Instituição São Roque**
- 04. Hoje para você qual importância dos projetos culturais da instituição que atendem as crianças do Guarituba-PR?**
- 05. O que eles aprendem com música e literatura dá para utilizar no contexto onde moram/vivem?**
- 06. Cada local, pessoa e sociedade tem seu protagonista, quem são os protagonistas da São Roque?**
- 07. Porque as famílias e as crianças gostam e fazem parte dos programas realizados pela São Roque?**
- 08. De que modo o trabalho realizado pela instituição e pelo profissional, colabora para o exercício da cidadania dos seus participantes e com a comunidade do Guarituba?**
- 09. Quais as maiores dificuldades encontradas?**
- 10. Qual a importância de ter um projeto social que trabalhe com Música e Literatura na comunidade do Guarituba?**
- 11. Quais frutos já foram colhidos com o trabalho desenvolvido?**
- 12. Quanto à escola, de que forma o projeto contribui com a escola?**
- 13. Como você define seu trabalho dentro da Associação?**

14. Em sua opinião sua formação te habilita o suficiente para o trabalho desenvolvido atualmente, ou você vê e/ou viu a necessidade de buscar outras formas para agregar ao seu conhecimento para desenvolver um trabalho mais rico aqui na associação?
15. Como se deu o seu contato com a comunidade? (Ex: Você morava na região ou tinha contato frequente com a comunidade ou passou a ter contato após o início do trabalho?). Atualmente, você reside na região?
16. Qual o impacto social que o projeto promove na comunidade? E como, impactou o projeto em sua vida pessoal?
17. Qual a influência do projeto (fragilidades e potencialidades), no desenvolvimento das crianças?
18. Você vê a necessidade de um profissional de pedagogia para auxiliar na associação?
19. O que você vê como conquista alcançada e o que você deseja que aconteça daqui para frente?
20. Vivenciando o contexto atual, e conhecendo a realidade das famílias, você acha que as crianças atendidas teriam as mesmas oportunidades dentro da sociedade sem a São Roque na vida delas?



Entrevista Familiares/Responsável

- 1- Nome?**
- 2- Responsável de qual aluno (a)?**
- 3- Porque matriculou seu filho (a) no projeto?**
- 4- Como conheceu o trabalho do projeto?**
- 5- Sabemos que as crianças-adolescentes aprendem muitas coisas no projeto, mas o que você aprendeu com a participação da sua criança-adolescente no projeto, ou então seu filho (a) lhe ensinou algo que você considera importante após ter entrado para a São Roque?**
- 6- O que projeto impactou na casa de vocês?**
- 7- Você indicou o projeto para alguém Por quê?**
- 8- O projeto contribuiu de alguma forma com a educação escolar da criança-adolente?**
- 9- Se o seu não estivesse na São Roque hoje, o que você acha que mudaria no desenvolvimento dele (a)?**
- 10- Acredita no trabalho da São Roque?**
- 11- Gostaria de compartilhar algo que não tinha na entrevista**



Entrevista Alunos (as) Crianças

1- Nome?.

2-Projeto que participa?

3-Quanto tempo está no projeto?

4-Você gosta de participar do projeto, por que?

5-Já conseguiu usar o que você aprendeu aqui no seu dia ou em outros lugares que você frequenta Cite um exemplo?

6-Você tem algum sonho?

7-A São Roque te inspira em algo?

8-Além de música e/ ou literatura, o que mais você leva como aprendizado, o que você acha importante?

9-Em sua opinião, sua participação nos projetos, ajudam em seu desenvolvimento na escolar?

10- Qual o melhor momento dentro do projeto?

11-Você acha que ter acesso a cultura(música, livros, teatros, lugares), muda a vida das crianças?



Entrevista Alunos (as) Adolescentes

1-Nome?

2-Projeto que participa?

3-Quanto tempo está no projeto

5-Já conseguiu usar o que você aprendeu aqui no seu dia a dia ou em outros lugares que você frequenta?

6-Você tem algum sonho?

7-A São Roque te inspira em algo?

8-Além da música e literatura oque mais você leva como aprendizado, o que você acha importante?

9-Você acha que ter acesso a cultura(música, livros, teatros, lugares), muda a vida dos adolescentes?

10-em sua opinião, suas participações nos projetos, te ajudam em seu desenvolvimento na escolar?

11- Qual o melhor momento dentro do projeto?

12-Se você não estivesse na São Roque hoje, o que você acha que mudaria em sua vida?

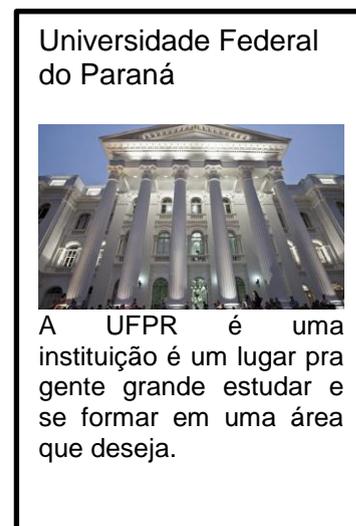
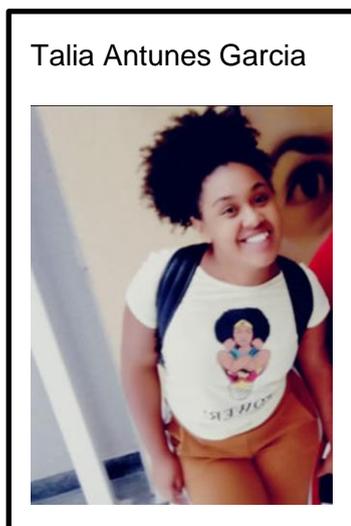
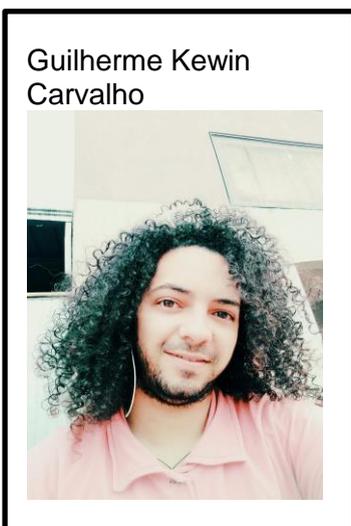
13-Você já indicou o projeto para alguém Por que?

14-Em sua opinião, de que forma o trabalho da São Roque contribuiu para a comunidade?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Oi tudo bem?

Primeiramente gostaríamos de dizer que você é muito importante para nós e para a Associação São Roque que ajudou muito a escolher você para fazermos um pedido especial. Gostaríamos de saber se você poderia participar de uma pesquisa se chama: **“O IMPACTO DE UM PROJETO SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO CIDADÃO DA CRIANÇA E/ OU ADOLESCENTE NA SOCIEDADE”**. É um estudo muito interessante sobre o trabalho que a São Roque vem realizando, está pesquisa será organizada realizada pelos alunos: **Guilherme Kewin Carvalho e Talia Antunes Garcia** com orientação da sua professora Orientadora Dr^a **Andréa Cordeiro**.



Guilherme e a aluna Talia estudam na Universidade Federal do Paraná e vão utilizar essa pesquisa para terminar o seu curso de graduação em pedagogia. Essa pesquisa será realizada em forma de entrevistas com participantes dos projetos que a São Roque realiza. Então novamente lhe convido para participar da nossa pesquisa fazendo uma entrevista conosco.

É importante você saber que precisaremos fazer 2 coisas na nossa entrevista, a primeira pedir autorização a você aluno (a) e ao seu responsável, a segunda é organizar um espaço para que a entrevista aconteça.

Como funcionará, nós vamos organizar um horário para nossa entrevista que

será realizada na biblioteca “Monteiro Lobato” no projeto da Associação São Roque, após a confirmação do dia horário e pessoa a entrevista poderá acontecer.

No dia da entrevista estarão na biblioteca Guilherme e Talia mais o entrevistado (a), vamos precisar fazer um registro desta entrevista então pedimos a sua permissão para gravarmos a entrevista, assim ficará mais fácil conseguirmos o material da pesquisa, e pode ficar tranquilo (a) o registro será utilizado somente para estudo e sua identidade será protegida, não iremos contar a ninguém e nem mostraremos a outras pessoas, o resultado da entrevista pode aparecer em nosso trabalho escrito e em apresentações, não colocaremos seu nome usaremos um código para que ninguém saiba sua identidade.



Durante a gravação caso você se sinta incomodado (a) com vergonha ou outro problema, pode nos dizer que paramos a gravação, qualquer dúvida fique a vontade em perguntar.



Seja bem-vindo!

Qualquer problema fique a vontade em dizer!

A sua contribuição nos ajudará muito a entender melhor o que estamos pesquisando e como podemos contribuir com nosso conhecimento, pesquisa, estudo, nos projetos da São Roque.



Venha com mascara, vamos ter disponível álcool gel e uma distancia segura será organizada.